



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

ALINE GONÇALVES DE SOUSA

**“É PESQUISANDO QUE SE APRENDE”:
A PESQUISA COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA**

**SUMÉ - PB
2020**

ALINE GONÇALVES DE SOUSA

**“É PESQUISANDO QUE SE APRENDE”:
A PESQUISA COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

**SUMÉ - PB
2020**

S725e Sousa, Aline Gonçalves de.
“É pesquisando que se aprende”: a pesquisa como estratégia didática no ensino de sociologia. / Aline Gonçalves de Sousa. - Sumé - PB: [s.n], 2020.

99 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Ensino de Sociologia – Ensino Médio. 2. Metodologias de ensino de sociologia. 3. Pesquisa – ensino de sociologia. 4. Livros didáticos de Sociologia. 5. Institucionalização do ensino de Sociologia. I. Santos, Valdonilson Barbosa dos. II. Título.

CDU: 316:37(043.2)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ALINE GONÇALVES DE SOUSA

“É PESQUISANDO QUE SE APRENDE”: A PESQUISA COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
Orientador – PROFSOCIO/ UACIS / CDSA / UFCG

Professora Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda
Examinadora Interna – PROFSOCIO/UFCG e DME / CE / UFPB

Professor Dr. José Ferreira Júnior
Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada-PE
Examinador Externo

Dissertação aprovada em: 12 de março de 2020.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho dissertativo aos meus familiares, amigos e ao meu companheiro que representam a melhor parte de mim, os maiores e melhores incentivadores que poderia desejar.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar minha jornada pela educação, jamais poderia imaginar que viveria tantos momentos de amores e dissabores pelo conhecimento. O caminho é árduo, mas o fruto é doce. Hoje, a paixão pelo conhecimento guia meus passos, tornou-se algo que me define, algo que é parte de mim. Pela conclusão deste trabalho e por tantas vitórias até então, devo meus mais sinceros agradecimentos a muitos que estiveram ao meu lado.

Agradeço primeiramente a Deus, meu protetor e guia, por me proporcionar toda força necessária para que eu pudesse vivenciar mais uma conquista. Por me manter serena e firme em momentos que exigiram muito além do que supunha aguentar.

Aos meus pais, que não mediram esforços para que concluísse essa etapa, obrigada por toda atenção e carinho nesses longos anos em que estivemos distantes. Maria Anady e Marivaldo, vocês são meus exemplos e a razão de tanto esforço, é por vocês. Aos meus sobrinhos Sofia, Arthur, Matheus por serem a alegria e luz da minha vida. Ao meu irmão José e sua esposa Anice por todo apoio e incentivo. Ao meu companheiro Ramon por acreditar em mim e por tantos momentos em que pude contar contigo, meu carinho e afeto são seus.

Aos meus amigos e colegas de turma que me incentivaram e me acompanharam durante esses anos. Em especial, ao meu amigo Eleordano, por me encorajar e estar ao meu lado em todos os momentos desde o início, obrigada pelo companheirismo, apoio e carinho. Agradeço ainda, as amigadas que conquistei durante a graduação, Ana Clécia e Jocimara Xavier, companheiras, confidentes e incentivadoras, fizeram minha alegria e foram meu amparo em muitos momentos.

Aos professores que sempre estiveram dispostos a contribuir com o melhor aprendizado, a vocês o meu reconhecimento e eterna admiração. Agradeço especialmente ao meu professor e orientador Valdonilson Barbosa dos Santos que contribuiu para a realização do presente trabalho. A todos os profissionais envolvidos para o funcionamento do campus, técnicos e demais funcionários, com os quais sempre pude contar.

“Conhece-te, aceita-te, supera-te!”

Santo Agostinho

RESUMO

O presente trabalho demonstra uma análise sobre a prática da pesquisa, uma das principais ferramentas científicas das Ciências Sociais, estas que aparecem no currículo do ensino médio brasileiro englobadas na disciplina de Sociologia, campo de delimitação escolhido para a referida análise. Analisa aspectos da institucionalização da Sociologia como disciplina, os primeiros marcos normativos, assim como os marcos que surgiram após o período de redemocratização do país, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular, além de uma reflexão do cenário a partir de autores como Pedro Demo (2003/2009/2015). Desenvolveu-se ainda, uma apreciação dos livros didáticos utilizados nas aulas de Sociologia, pelos professores (as) sujeitos desta pesquisa. O objetivo central foi fazer um levantamento exploratório sobre a prática da pesquisa enquanto estratégia didática de ensino na disciplina de Sociologia no ensino médio, em seus variados aspectos. A questão norteadora é: Qual a relevância da pesquisa e suas aplicações no ensino médio, especificamente no cenário de Campina Grande? O levantamento foi realizado através de questionário estruturado, aplicado para três professores (as) da disciplina em escolas públicas distintas, no município de Campina Grande – Paraíba. Portanto, a partir de um levantamento teórico do tema com os marcos normativos, reconhecidos teóricos da área, a apreciação dos livros didáticos utilizados no campo delimitado da pesquisa, foi então aplicado um questionário destinado aos professores da respectiva cidade. Através deste material, empenhou-se uma reflexão sobre a prática da pesquisa no referido município e com isso evidenciou-se alguns parâmetros comuns e discrepâncias entre a teoria e a prática na área estudada, incluindo, a dificuldade dos (as) professores (as) entrevistados (as), em utilizar a pesquisa enquanto estratégia didática na aula de Sociologia.

Palavras-chave: Educação. Ciências Sociais. Pesquisa Científica. Sociologia.

ABSTRACT

This capstone shows an analysis of the research practice, one of the main scientific tools of Social Science, those that are inserted in the Brazilian high school curriculum in the Sociology class, the chosen field for this analysis. This capstone analyses the aspect of the institutionalization of Sociology as a mandatory class, the first normative milestone, as the milestones that come with the democratization of the country, milestones like the National Curricular Parameters, Curricular Orientations to High School, the National Common Curricular Base, besides a reflection of the scenario from authors like Pedro Demo (2003/2009/2015). An appraisal of the books used by the interviewed teachers on their Sociology classes was part of this study too. The main goal of this capstone is to explore the practice of the research as a didactic strategy tool of education on High School Sociology studies, considering all This capstone shows an analysis of the research practice, one of the main scientific tools of Social Science, those that are inserted in the Brazilian high school curriculum in the Sociology class, the chosen field for this analysis. This capstone analyses the aspect of the institutionalization of Sociology as a mandatory class, the first normative milestone, as the milestones that come with the democratization of the country, milestones like the National Curricular Parameters, Curricular Orientations to High School, the National Common Curricular Base, besides a reflection of the scenario from authors like Pedro Demo (2003/2009/2015). An appraisal of the books used by the interviewed teachers in their Sociology classes as part of this study too. The main goal of this capstone is to explore the practice of the research as a didactic strategy tool of education on High School Sociology studies, considering all the relevant aspects and its implications. What guides the study is: What is the relevance of research and its applicability during High School, specifically in Campina Grande scenario? The information was gotten through structured questionnaires applied to three Sociology teachers from different public schools in Campina Grande – Paraíba area. Therefore, from a theoretical study of the normative milestones, recognized authors, appraisal of the book used in the research's field, a questionnaire was applied to the teachers of the city. Through this material, it started a reflection about the practice of the research in Campina Grande and it was possible to conclude some parameters in common and variances between the theory and practice in that field, including the difficulties of the interviewed teachers to use the research as a didactic strategy on their Sociology's class.

Keywords: Education. Social Science. Scientific Research. Sociology.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ECI - Escola Cidadã Integral

ECIT - Escola Cidadã Integral Técnica

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EPA - Estudos, Planejamento e Atendimento

FNS - Federação Nacional dos Sociólogos

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação para o Ensino Médio

OCEM - Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PB - Paraíba

PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBIAC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artístico-Cultural

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PL - Projeto de Lei

PNE - Plano Nacional de Educação

PPGCS - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

PROBEX - Programa de Bolsas de Extensão

RDDI - Regime de Dedicação Docente Integral

SEE - Secretaria de Estado de Educação

TV - Televisão

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFMG - Universidade Federal de Campina Grande

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CONSTRUINDO O OBJETO E DEMONSTRANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
2.1	Caminhos metodológicos	22
3	A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	26
3.1	A institucionalização da Sociologia no Brasil	26
3.2	Reformas educacionais no Brasil e marcos regulatórios da sociologia no ensino médio	35
4	PESQUISA CIENTÍFICA, SOCIOLOGIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	43
4.1	Aprendendo pesquisando e pesquisando para aprender e apreender a realidade social	52
4.2	A sociologia a partir de três livros didáticos	63
4.3	Experiências pedagógicas campinenses em três modalidades de ensino distintas	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICE	100

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, desde a institucionalização da Sociologia como disciplina, houveram períodos longos de intermitência. Recentemente, a Lei 11.684/08 altera o Art. 36 da Lei 9.394/96, incluindo a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias, estabelecidas nos currículos de todas as séries no ensino médio. Ocorre que, a disciplina motivou por diversas vezes uma ampla discussão em torno da delimitação entre a ciência e a disciplina a ser abordada na sala de aula e, principalmente, no ensino médio, no que diz respeito à adequação dos termos, linguagens, temas, entre outros aspectos com o propósito de efetuar um recorte e tradução apropriados aos educandos. Desta forma, este trabalho dissertativo buscou refletir a relação que a pesquisa científica tem com a aula de Sociologia no ensino médio brasileiro, e mais especificamente no cenário paraibano de Campina Grande.

Ressaltamos que o presente trabalho se dedica à uma metodologia específica como construção do conhecimento: **a pesquisa**. Por entender que o educando se encontra no campo da pesquisa das Ciências Sociais, entre sujeito pesquisador e objeto da pesquisa, buscando compreender a sociedade a sua volta em seus diversos aspectos.

É nessas circunstâncias de responsabilidade com a aprendizagem que se buscou compreender e abordar a aplicação da pesquisa como estratégia didática que intermediará a teoria com a prática no ensino médio, além de objetivar-se como uma ferramenta científica facilitadora entre a ciência e conhecimento prático das Ciências Sociais, favorecendo seu aprendizado.

Discutir a relevância da pesquisa como estratégia didática implica também na necessidade de compreender a diversificação de práticas pedagógicas afim de alcançar a melhoria do conhecimento dos educandos. Assim, a pesquisa aparece como uma importante ferramenta metodológica não somente no currículo do ensino superior, mas também no ensino básico. É importante destacar que de acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM, a pesquisa feita no início, meio ou final da exposição das teorias, conceitos e temas sociológicos trabalhados em sala de aula, combinados com a exemplificação próxima a realidade regional, além dos diversos recursos midiáticos poderá facilitar na construção do conhecimento a partir da experiência prática dos educandos e construído pelos mesmos.

Portanto, compreendendo a pesquisa como estratégia didática e ferramenta pedagógica das Ciências Sociais, a indagação norteadora desse trabalho foi: **Qual é a aplicabilidade da pesquisa e sua relevância no ensino médio, especificamente no cenário paraibano de Campina Grande?**

A partir daí, desenvolveu-se uma discussão acerca da sua estimada importância fundamentada nas referências teóricas e estudos sobre a área, que vai desde os primeiros marcos regulatórios - carregando consigo a história da institucionalização da disciplina no Brasil, no curso superior e educação básica – até a redemocratização do país, marcada com a reintrodução da disciplina no currículo do ensino médio, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, nº 9.394, dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM, Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM, e Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Além de uma reflexão a partir das contribuições do autor Pedro Demo, oferecendo o suporte através da Sociologia com o propósito de analisar seus impactos, possibilidades e desafios no ensino médio, da aplicabilidade da pesquisa científica no ensino médio.

A motivação para a realização deste trabalho ocorre devido a inclusão recente, em torno de pouco mais de dez anos, da Sociologia e dos conteúdos sociológicos no currículo em todas as séries do ensino médio, o debate em torno do desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas que auxiliassem o aprendizado da disciplina, facilitando a transposição de temas, conceitos e teorias tão complexos da forma como são oferecidos no ensino superior para a compreensão dos educandos do ensino médio. Esta seria então uma questão desafiadora aos docentes e graduandos da área. (BRIDI, et al. 2014)

A partir dessa ideia, a pesquisa se justifica no atual cenário de crescentes discussões a respeito das técnicas a serem abordadas no ensino médio. Embora tenha aumentado consideravelmente os estudos em torno de práticas pedagógicas diversificadas, pouco se encontram estudos que envolvam a pesquisa como método de ensino ou o que diz respeito a formação docente para exercer referente prática.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou analisar os seguintes aspectos: a) o que trata sobre a pesquisa nos primeiros marcos regulatórios da disciplina; b) a pesquisa no retorno da disciplina no currículo da educação básica após período de intermitência; c) a Sociologia e a pesquisa no cenário do ensino médio; d) os diferentes

tipos de ensino médio na atualidade e a relação com a sociologia ; e) como os livros didáticos do ensino médio, de Sociologia, tratam a pesquisa científica; e, f) a relação que professores entrevistados neste trabalho possuem com a disciplina e com a pesquisa científica. A partir disso, o presente trabalho buscou estudar os aspectos em torno da prática da pesquisa, ou seja, marcos regulatórios, livros didáticos, formação docente, entre outros, através de uma reflexão das possibilidades e desafios no ensino médio de Campina Grande – PB.

A pretensão do presente trabalho foi: a) investigar o cenário no qual se encontra a prática da pesquisa nas aulas de Sociologia, especificamente, em três escolas públicas do município de Campina Grande – PB. Envolvendo aspectos acerca da formação docente, modalidades de pesquisas aplicadas, materiais utilizados, entre outros. Buscando analisar possíveis benefícios da prática da pesquisa e suas implicações na prática vivenciada por três professores (as) entrevistados que lecionam no ensino médio público na cidade de Campina Grande; b) Conhecer a forma como a pesquisa é trabalhada e o momento no qual se dá no processo de aprendizagem; c) Identificar os tipos de pesquisas que são trabalhados, além de demonstrar o perfil dos professores (as) de Sociologia na região.

O trabalho está organizado em cinco seções. Na presente seção introdutória se apresentam alguns aspectos importantes que foram estudados ao longo da pesquisa. Na segunda seção, “Construindo o objeto e demonstrando os caminhos metodológicos” realiza-se um levantamento das características dos modelos de ensino médio atualmente vigentes e destacamos alguns aspectos que se relacionam com a pesquisa científica. Além disso, na mesma seção encontram-se o caminho metodológico escolhido para a realização deste trabalho, como a escolha para a seleção do cenário a ser pesquisado, os meios para a coleta de dados e análise dos mesmos.

Na terceira seção “A Sociologia na Educação Básica Brasileira”, que está subdividida em três seções, a primeira “A institucionalização da Sociologia no Brasil”, apresenta a partir do trabalho de dissertação de Simone Meucci, as ideias dos primeiros autores e estudiosos, de relevância para a institucionalização da disciplina, como Delgado de Carvalho, Fernando de Azevedo, Amaral Fontoura, Carneiro Leão, entre outros. Essa análise inicia com a historicidade da institucionalização da disciplina no país, os primeiros autores acima citados, assim como os primeiros

marcos regulatórios que dizem a respeito à pesquisa científica no ensino de Sociologia.

A segunda subseção, “Reformas educacionais no Brasil e marcos regulatórios da sociologia no ensino médio”, apresentam-se aspectos de uma disciplina que possui como uma de suas características a intermitência no currículo, portanto, realizou-se uma análise dos marcos regulatórios que surgiram desde o período de redemocratização do país até os dias atuais. Na terceira subseção “A sociologia a partir de três livros didáticos”, encontra-se uma análise dos principais livros didáticos utilizados pelos entrevistados neste trabalho. Sendo eles: 1) *Sociologia*, das autoras Silvia Maria de Araújo e Maria Aparecida Bridi; 2) *Sociologia em Movimento*, contando com mais de dez autores na elaboração do livro didático; 3) *Sociologia para jovens do século XXI*, dos autores Ricardo Cesar Rocha da Costa e Luiz Fernandes Oliveira.

A quarta seção “Pesquisa Científica, Sociologia e Prática Pedagógica”, encontra-se subdividida em duas seções, sendo a primeira “Aprendendo pesquisando e pesquisando para aprender e apreender a realidade social”, traz uma reflexão a partir de textos do autor Pedro Demo, que busca conectar o significado da pesquisa científica para a Sociologia e a aplicabilidade dessa prática na disciplina do ensino médio. Desempenhando assim uma análise a partir do olhar da Sociologia enquanto ciência a respeito da pesquisa e ensino.

A segunda subseção “Experiências pedagógicas campinenses em três modalidades de ensino distintas” ocorre uma conversa entre o levantamento bibliográfico e os dados que foram obtidos em entrevistas aos três professores que lecionam em modalidades de ensino médio distintas. O trabalho dissertativo encerra-se com a seção “Considerações finais” que evidencia algumas constatações que surgiram durante a discussão teórica do mesmo.

2 CONSTRUINDO O OBJETO E DEMONSTRANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O objeto de estudo deste trabalho é a pesquisa como estratégia didática, utilizando como fonte de análise a experiência de três docentes de escolas estaduais de ensino médio no município de Campina Grande, na Paraíba. São eles, os docentes, os sujeitos que se relacionam com a pesquisa no cotidiano do ensino médio na disciplina de Sociologia, foco ao qual este trabalho se detém. Assim, as fontes escolhidas tem relação com o grau de envolvimento dos mesmos acerca da questão central do trabalho. Para estudá-los foram analisados marcos regulatórios e livros didáticos, buscando empreender uma análise de conteúdo na referida pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2012, p. 50).

Discutir a pesquisa como estratégia didática no ensino de Sociologia no Brasil, implica conhecer a dinâmica ao qual se dá o ensino médio. O ensino médio brasileiro foi regularizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Em seu Artigo nº 24, a Lei dispõe sobre a carga horária destinada ao ensino médio regular, sendo anualmente uma carga horária mínima de 800 (oitocentas) horas. Essa lei foi alterada pela Lei nº 13.415/2017 e 11.191/2018, que altera a carga horária anual para 1.025 (mil e vinte cinco) horas. Essa carga fica dividida nos 5 (cinco) dias da semana, em 6 (seis) aulas diárias com duração de 50 (cinquenta) minutos cada. O calendário anual conta com 41 (quarenta e uma) semanas e cada uma delas contém 30 aulas semanais por série. Nesse cenário, apenas 41 horas anuais são destinadas para as aulas da disciplina de Sociologia. A mesma carga horária é destinada a disciplina nas Escolas Cidadãs Integrais e Escolas Cidadãs Integrais Técnicas, propostas de ensino recentes para a modalidade do ensino médio.

A nova lei estabelecia mudanças significativas para a estrutura do ensino médio brasileiro. As mudanças visam a ampliação da carga horária mínima do ano letivo escolar, a organização da grade curricular, a implementação de uma Base Nacional Comum Curricular, entre outras.

Ainda no ano de 2016 foi criada a Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, que institui o Programa de Fomento à Implantação de Escolas em Tempo Integral. Essa medida incluía as escolas públicas dos estados e do Distrito Federal.

Buscando atender especificamente a meta número seis do (PNE), Lei nº13.005/2014, que estabelece metas para a educação no período de dez anos. A meta número seis institui a ampliação da oferta de educação básica pública para o tempo integral de pelo menos cinquenta por cento das escolas públicas e atender no mínimo vinte e cinco por cento dos educandos matriculados, como podemos observar no Quadro 1.

QUADRO 1 – Meta nº 6 do Plano Nacional de Educação 2014-2024

META 6 – Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica.

Estratégias:

6.1) promover, com o apoio da União, a oferta de educação básica pública em tempo integral, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico e multidisciplinares, inclusive culturais e esportivas, de forma que o tempo de permanência dos (as) alunos (as) na escola, ou sob sua responsabilidade, passe a ser igual ou superior a 7 (sete) horas diárias durante todo o ano letivo, com a ampliação progressiva da jornada de professores em uma única escola;

6.2) instituir, em regime de colaboração, programa de construção de escolas com padrão arquitetônico e de mobiliário adequado para atendimento em tempo integral, prioritariamente em comunidades pobres ou com crianças em situação de vulnerabilidade social;

6.3) institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como da produção de material didático e da formação de recursos humanos para a educação em tempo integral;

6.4) fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários;

6.5) estimular a oferta de atividades voltadas à ampliação da jornada escolar de alunos (as) matriculados nas escolas da rede pública de educação

básica por parte das entidades privadas de serviço social vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante e em articulação com a rede pública de ensino;

6.6) orientar a aplicação da gratuidade de que trata o art. 13 da Lei nº 12.101, de 27 de novembro de 2009, em atividades de ampliação da jornada escolar de alunos (as) das escolas da rede pública de educação básica, de forma concomitante e em articulação com a rede pública de ensino;

6.7) atender às escolas do campo e de comunidades indígenas e quilombolas na oferta de educação em tempo integral, com base em consulta prévia e informada, considerando-se as peculiaridades locais;

6.8) garantir a educação em tempo integral para pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na faixa etária de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos, assegurando atendimento educacional especializado complementar e suplementar ofertado em salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em instituições especializadas;

6.9) adotar medidas para otimizar o tempo de permanência dos alunos na escola, direcionando a expansão da jornada para o efetivo trabalho escolar, combinado com atividades recreativas, esportivas e culturais.

Fonte: Plano Nacional da Educação – Lei nº 13.005/2014.

Pode-se perceber que nos itens dedicados para as estratégias da meta número seis, aparecem a carga horária diária expandida para sete horas ou mais. Essa expansão torna necessária a dedicação exclusiva dos professores em uma única escola. Característica que altera a qualidade de trabalho dos professores. Além disso, a escola passaria por uma construção de um padrão arquitetônico e de mobiliário para que atendam às necessidades da demanda integral.

Entre as estratégias, destacam-se ainda a reestruturação das escolas públicas para que tenham a instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, bibliotecas, auditórios, entre outros espaços, equipamentos, reestruturação do material didático e equipe escolar para atender o tempo integral. Outro ponto importante é a promoção de uma parceria entre locais culturais, esportivos, educativos, entre outros.

Discutindo ainda sobre a Medida Provisória nº 746/16, tal ação envolve a união entre Estados e o Distrito Federal para que possibilitem a oferta do ensino em tempo

integral, atendendo ainda as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conforme a meta número sete do PNE de 2014. Além de corroborar para o acesso e permanência de jovens de 15 a 17 anos, segundo a meta número três do PNE. E ainda, a atualização dos critérios técnicos de mérito e desempenho, atendendo a meta número dezenove.

A Portaria nº 1.145, de 10 de outubro de 2016, busca a ampliação da jornada escolar e formação do jovem nos aspectos cognitivos e socioemocionais, seguindo a diretriz: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Essa medida conta com recursos que são transferidos para as Secretarias Estaduais de Educação (SEE) participantes. Cada SEE ficará responsável por pelo menos 2.800 (dois mil e oitocentos) educandos. Vale destacar o plano destinado a implementação da reforma do ensino médio. A escolha das escolas, feita pelas SEE's acontecerá partindo dos critérios de atendimento mínimo de 400 (quatrocentos) educandos integralmente e escolas de maior porte e capacidade física.

QUADRO 2 – Plano de Implementação

<p>CAPÍTULO IV</p> <p>DO PLANO DE IMPLEMENTAÇÃO</p> <p>Art. 6º O Plano de Implementação será composto por:</p> <p>I - Listagem dos marcos legais já instituídos;</p> <p>II - Plano de adequação dos marcos legais;</p> <p>III - Informações da equipe de implantação;</p> <p>IV - Detalhamento dos cargos e salários da equipe escolar no estado;</p> <p>V - Escolas que irão participar do Programa, com suas informações gerais;</p> <p>VI - Proposta de gestão escolar;</p> <p>VII - Matriz curricular;</p> <p>VIII - Plano político-pedagógico;</p> <p>IX - Proposta de plano de diagnóstico e nivelamento;</p> <p>X - Plano de participação da comunidade nas escolas;</p> <p>XI - Plano detalhado de implementação (dois primeiros anos); e</p> <p>XII - Plano para distribuição da verba prevista pelo Programa.</p>

Fonte: Portal do Ministério da Educação.

Na Portaria nº 1.145 de 10 de outubro de 2016, destaca-se que a SEE deverá apresentar um plano detalhado com ações que contemplam o período de dois anos e elaborar uma proposta curricular que aborde a carga horária de no mínimo 2.250 (dois mil, duzentos e cinquenta) minutos por semana. Sendo destacados 300 (trezentos) minutos para a disciplina de Língua Portuguesa e outros 300 (trezentos) minutos para a disciplina de Matemática, além de 500 (quinhentos) minutos semanais para atividades de caráter flexível.

Sendo assim, conforme a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, a carga horária anual mínima do ensino médio seria ampliada progressivamente durante cinco anos até contemplar 1.845 (mil, oitocentos e quarenta e cinco horas), o que significa quase 800 (oitocentas) horas a mais que o ensino médio regular. Essa medida inicia ainda no mesmo ano de 2017 com a ampliação de 200 (duzentas) horas, ou seja, alcançando carga horária mínima de 1.000 (mil) horas. Nesse modelo de ensino médio, vale destacar que em seu artigo nº26, especificamente no § 7º, visa a integralização de critérios dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas.

A organização dos educandos nos componentes curriculares diversificados deverá ser de acordo com a área de conhecimento e área de atuação profissional. A grade curricular está dividida por áreas de conhecimentos, sendo, linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, e ainda, ciências humanas e sociais aplicadas. Além disso, os componentes curriculares de natureza diversificada deverão estar de acordo com a Base Nacional Comum Curricular e em harmonia com o contexto social, econômico, histórico, ambiental e cultural. A parte diversificada conta com Projeto de Vida, Preparatório Pós-Médio, Colabora e Inove, Avaliação Semanal, Orientação de Estudo, Práticas Experimentais e Disciplinas Eletivas. Na área das ciências humanas e sociais aplicadas, de acordo com o artigo nº35-A, parágrafo 1º, o estudo de sociologia e filosofia são estudos obrigatórios, o que não significa a obrigatoriedade das disciplinas.

No âmbito do Governo do Estado da Paraíba, o Decreto nº 36.409 de 30 de novembro de 2015, entre suas providências, cria a Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) e institui o Regime de Dedicção Docente Integral (RDDI). Nos moldes semelhantes ao do ensino regular baseado na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, se destaca pela ampliação da carga horária e pela dedicação exclusiva do trabalho de professores e gestores das Escolas Cidadãs Integrais Técnicas, que

atuam, portanto, 40 horas semanais em apenas uma unidade escolar. O Decreto acima citado, demonstra em seu Artigo 3º a divisão da carga horária, sendo 26 (vinte e seis) horas em sala de aula e atividades multidisciplinares, 14 (catorze) horas dedicados aos Estudos, Planejamento e Atendimento (EPA), realizadas no ambiente escolar.

Nas Escolas Cidadãs Técnicas Integrais a jornada diária das aulas ocorre com 9 (nove) aulas com duração de 50 (cinquenta) minutos cada. Totalizando assim, 7 (sete) horas e 30 (trinta) minutos na sala de aula. O professor, nesse modelo de ensino, realiza parte de seu trabalho em área de conhecimento e disciplina diversificada em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O Decreto ainda possui em seu Artigo 5º, inciso VI, o processo denominado Protagonismo Juvenil, no qual os educandos são considerados o protagonista em suas ações. Destacamos aqui o Artigo nº 10:

QUADRO 3 - Atribuições específicas do professor da ECIT

Art. 10. São atribuições específicas do professor da ECIT, a serem exercidas com carga horária multidisciplinar, além do bom desempenho das atribuições inerentes ao respectivo cargo ou função:

- I – desenvolver e implementar anualmente o seu Programa de Ação com os objetivos, metas e resultados de aprendizagem que se pretende atingir;
- II – planejar e executar seu papel pedagógico de forma colaborativa e cooperativa, objetivando o cumprimento do plano de ação da ECIT;
- III – planejar, desenvolver e atuar na parte diversificada do currículo no que se refere a disciplinas eletivas, estudo dirigido e apoio aos clubes culturais ou esportivos;
- IV – incentivar e oferecer apoio para as atividades de protagonismo juvenil;
- V – realizar, em caráter irrevogável, a totalidade das horas de trabalho pedagógico coletivo e individual no ambiente da ECIT onde está lotado;
- VI – atuar em atividades de tutoria aos estudantes;
- VII – participar, obrigatoriamente, das orientações técnico-pedagógicas relativas à sua atuação na ECIT e dos cursos de formação continuada

ofertados pela Secretaria de Estado da Educação ou entidades por ela apontadas para esse fim;

VIII – auxiliar, a critério do Diretor e conforme diretrizes da Secretaria de Estado da Educação, nas atividades de orientação técnico-pedagógicas desenvolvidas no âmbito da ECIT;

IX – elaborar guias de aprendizagem, sob a orientação do Diretor Escolar;

X – produzir material didático-pedagógico em sua área de atuação e na conformidade do modelo pedagógico próprio da ECIT;

XI – substituir, na própria área de conhecimento, sempre que necessário, os professores da ECIT em suas ausências e impedimentos legais.

Fonte: Diário Oficial do Estado da Paraíba.

O Artigo nº10 traz as atribuições específicas que são direcionadas aos professores da escola ECIT, nele podemos destacar que uma das atribuições dos professores é orientar os educandos em atividades onde se destaque o protagonismo dos mesmos. O Artigo nº 15, destaca que para a permanência dos educandos nas ECITs será preciso que os mesmos atendam aos critérios legais de acesso, permaneçam durante o período integral, participem do Projeto de Vida, entre outros requisitos. As Escolas Cidadãs Integradas Técnicas oferecem uma variedade de cursos técnicos. Os educandos ali formados recebem dois diplomas de conclusão, sendo um de nível médio e o outro referente ao curso técnico cursado na instituição.

2.1 Caminhos metodológicos

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo foi a abordagem de pesquisa qualitativa que tem por característica principal, segundo Flick e Cols. (2000), citados por Harmut Günthe, a “compreensão como princípio do conhecimento”, buscando apreender o sentido subjetivo do objeto da pesquisa. A pesquisa qualitativa é basicamente a ciência baseada em textos, seja em sua coleta de dados, em suas análises ou ainda em sua produção, sendo assim mais uma característica da mesma. Além disso, é respeitada a abertura nos métodos e técnicas utilizadas de forma que possam se adaptar ao objeto da pesquisa. Abordando a contextualidade de

acontecimentos e conhecimentos cotidianos como uma forma de interpretação dos resultados.

A teoria estará a serviço da Sociologia no sentido de concentrar a amplitude dos fatos, como sistema de classificação, resumir o conhecimento e prever os fatos. Como afirmam as autoras “o objetivo das teorias é compreender e explicar os fenômenos de uma forma mais ampla, através da reconstrução conceitual das estruturas objetivas dos mesmos” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.107). Enquanto o fato serve para incentivar uma nova teoria, reformular ou rejeitar as existentes, esclarecer as teorias e clarificar os conceitos. Nessa lógica, Marconi e Lakatos (2010) orientam que a pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS 2010, p. 139).

Para o desenvolvimento desse trabalho, o instrumento de coleta de dados escolhida foi o questionário previamente elaborado para os (as) professores (as). O questionário caracteriza-se por ser uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores [...]” (GIL, 2012, p. 121). Nesse instrumento contém questões como formação docente, postura pedagógica em relação à pesquisa, quais as modalidades de pesquisa aplicadas, opiniões pessoais acerca de possíveis dificuldades com a proposta da pesquisa, entre outras.

A pesquisa durou em média de 15 meses, sendo entre os meses de julho de 2019 ao mês outubro de 2020, contando com equipe composta por pesquisador, orientador e o elenco de entrevistados, sendo eles, professores de Sociologia do ensino médio. Passando pelas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, construção do questionário e roteiro de pesquisa; aplicação dos questionários com os docentes de cada escola e posteriormente análise das entrevistas informais; transcrição dos dados; e por último, a análise dos dados coletados.

A modalidade empenhada para a análise dos dados coletados foi a análise de conteúdo, segundo Berelson (1952, p.53) é “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

As referências bibliográficas, serviram como base teórica e norteamento para a construção do questionário, roteiro de pesquisa e análise dos dados coletados.

Segundo Fonseca (2002), todo trabalho científico deverá iniciar-se pela pesquisa bibliográfica, possibilitando assim uma base ao pesquisador do que já se estudou sobre o assunto, além disso “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites” (MATOS; LERCHE apud FONSECA, 2002 p. 31). Depois de vivenciadas todas as etapas acima citadas; pesquisa bibliográfica, realização das entrevistas e a transcrição dos dados, realizou-se a análise dos mesmos a partir da técnica de análise de conteúdo.

Em relação as técnicas de pesquisa definido pelas autoras como “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 157), dentre essas técnicas destacam-se neste trabalho duas formas, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A primeira é colocada da seguinte forma pelas autoras: “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.166) e também determinam oito passos para a execução de uma pesquisa bibliográfica, sendo eles: a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; e h) redação. O primeiro passo, envolve a escolha de um tema ainda sem solução, que mereça ser cientificamente investigado, que seja de acordo com as qualificações do investigador, ou seja, se o investigador é especializado na área da pesquisa, entre outros aspectos. O segundo passo, diz respeito a elaboração de um plano a que seguirá a pesquisa, hipóteses, variáveis.

De acordo com, Marconi e Lakatos (2010), uma hipótese é “um enunciado geral de relações entre variáveis” (MARCONI; LAKATOS 2010, p. 110) e, podemos entender as variáveis, por sua vez, como um conceito operacional que possui valores verificáveis cientificamente. O terceiro passo, refere-se ao levantamento das referências bibliográficas válidas para a pesquisa. O quarto passo, é buscar a localização dessas obras e o quinto passo é a reunião das mesmas. Finalizados os passos dos quais são referentes a busca das bibliografias necessárias para a execução do trabalho. Já com as obras em mãos, o sexto passo é onde se faz o fichamento dessas bibliografias, facilitando o trabalho de pesquisa. O sétimo passo divide-se em duas etapas, sendo a primeira reservada a crítica da bibliografia em relação ao texto, autenticidade, proveniência, e a segunda etapa envolve a

decomposição do texto em relação a sua classificação e generalização, permitindo assim a interpretação do texto. O oitavo e último passo diz respeito a elaboração da redação sobre a pesquisa bibliográfica. A segunda forma, a pesquisa de campo, define-se pelas autoras pela sua finalidade da forma destacada abaixo:

[...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 169).

A pesquisa de campo parte da observação dos fatos e fenômenos em sua inteira realidade para que então se colem os dados necessários para a análise. Para isso, as autoras definem duas fases da pesquisa de campo: 1) É conhecer a natureza ao qual se encontra a questão levantada partindo de uma pesquisa bibliográfica, elaborando um modelo teórico para se ter referência; e a 2) É que uma vez tendo conhecimento do nível de estudos sobre a questão, o pesquisador deverá determinar as técnicas que serão utilizadas na pesquisa.

A presente pesquisa foi realizada com a colaboração de 03 (três) professores que lecionam a disciplina de Sociologia no Ensino Médio em escolas públicas estaduais localizadas no município de Campina Grande, Paraíba. A escolha dos professores partiu por cada um destes lecionarem em modelos específicos de Ensino Médio, sendo eles: Ensino Médio Regular, Escola Cidadã Integral e Escola Cidadã Integral Técnica. Os professores concordaram em responder um questionário contendo 16 (dezesesseis) questões e que os resultados fossem divulgados neste trabalho. A primeira professora entrevistada, Patrícia faz parte do grupo escolar de uma Escola Cidadã Integral. O segundo professor entrevistado, Rodrigo, leciona em uma Escola Regular de Ensino Médio. Enquanto a terceira entrevistada, Roberta, atua como professora em uma Escola Cidadã Integral Técnica.

As 16 (dezesesseis) questões do referido questionário (ver apêndice) foram pensadas para que pudessem responder as considerações que almejamos refletir acerca da pesquisa enquanto estratégia de ensino na aula de Sociologia no Ensino Médio. Alguns aspectos foram considerados como por exemplo, a escolha do livro didático, a experiência que possuem com a pesquisa e, a partir das respostas podemos verificar o nível de envolvimento dos entrevistados com a pesquisa enquanto professores e enquanto educandos.

3 A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

3.1 A institucionalização da Sociologia no Brasil

A partir do estudo e o olhar direcionado para a pesquisa como estratégia de ensino e aprendizagem da disciplina de Sociologia, esperamos verificar em quais sentidos e os momentos que a pesquisa foi abordada nos primeiros marcos regulatórios. O próprio contexto político-social brasileiro e a história de sua institucionalização como disciplina, nos dão uma breve ideia do cenário ao qual se encontrava a pesquisa e o que se esperava dela.

De acordo com Simone Meucci (2000), em *A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos*, os primeiros manuais didáticos da disciplina, demonstram características significativas de uma construção do saber sociológico na sociedade brasileira. Os manuais apresentavam textos introdutórios e dicionários específicos da área, de forma a apresentar didaticamente os procedimentos e métodos sociológicos para análises adequadas. Para além disso, os manuais tinham o papel fundamental de construir um novo campo científico no país.

Quanto aos manuais, a autora cita Thomas Kuhn quando menciona duas funções para os mesmos, sendo a função pedagógica e a função persuasiva, ou seja, os manuais devem ser “compreensíveis e legitimar os conhecimentos e os procedimentos fundamentais para a formação dos primeiros portadores da nova ciência” (MEUCCI, 2000, p. 6). Nesse momento ocorre a necessidade de construção da Sociologia enquanto ciência e enquanto disciplina nos meios acadêmicos do país, tarefa complexa e que contou com a iniciativa e esforços de diferentes grupos que buscavam “por um lado, a definição da singularidade dos campos teórico, conceitual e de investigação e, por outro, a construção de uma estrutura capaz de permitir a produção e a divulgação do conhecimento” (MEUCCI, 2000, p.6).

É importante ressaltar que nessa época a Sociologia era bem conceituada em outros países, com relevantes obras, que inclusive inspiraram as primeiras obras que surgiram no Brasil. Dessa forma, as obras estrangeiras foram fundamentais para a constituição da ciência e disciplina sociológica no país. A partir disso, a socióloga relata que surgiram na década de 1930, obras com autores brasileiros que se dedicavam à introdução ao conhecimento sociológico em um número significativo. Segundo a autora, entre 1931 a 1945, foram publicados mais de duas dezenas de livros didáticos de sociologia no país. Essas obras tinham o formato de livros, tratados,

dicionários, coletâneas de textos e periódicos, apresentando um conteúdo introdutório para o campo sociológico.

Enquanto disciplina, fora incluída nos cursos secundários e escolas normais de Pernambuco e Rio de Janeiro (1928), São Paulo (1933), além da criação dos cursos de ciências sociais na Escola Livre de Sociologia e Política e Universidade de São Paulo (1993), e na Universidade do Distrito Federal (1935). Juntamente com a formação da disciplina, constituíram-se algumas obras consagradas no campo sociológico como Casa Grande & Senzala (1933) de Gilberto Freyre, Evolução Política do Brasil (1935) de Caio Prado Júnior, e Raízes do Brasil (1936) de Sérgio Buarque de Holanda.

A inclusão da disciplina nos cursos secundários, escolas normais e criação do curso de ciências sociais, assim como a publicação de dicionários, textos, periódicos e manuais didáticos, fazem parte de um conjunto de medidas com o intuito de fornecer condições favoráveis para a formação da Sociologia enquanto ciência e disciplina. Nesse sentido, a autora afirma que

[...] tratou-se de um complexo de iniciativas dedicadas à formação dos primeiros portadores do conhecimento sociológico, à consagração das questões, obras e autores fundamentais para a disciplina nova, à formação de uma dinâmica de produção e divulgação das pesquisas e teorias sociológicas. (MEUCCI, 2000, p.9).

Como vimos acima, essas medidas em grande parte foram tomadas principalmente a partir de 1930, porém, o ingresso da sociologia no sistema de ensino brasileiro ocorreu no ano de 1891 nos cursos secundários, a partir da reforma protagonizada por Benjamin Constant. Embora, que por pouco tempo, uma vez que foi retirada através de regulamento do atual Colégio D. Pedro I, no Rio de Janeiro. Sua obrigatoriedade no sistema educacional brasileiro ocorreu, no entanto, a partir de 1931, pois passou a ser conhecimento aplicado nas provas de admissão para cursos superiores.

[...] a sociologia ressurgiu triunfalmente nas décadas de 20 e 30, em cursos de formação de professores, nos preparatórios ao exame de admissão para o ensino superior, nas faculdades e universidades. É quando, de fato, após uma longa trajetória, a sociologia adquire um lugar institucional onde fora possível iniciar, de modo regular, a reprodução do conhecimento sociológico, especialmente na forma de manuais didáticos dedicados à difusão da nova disciplina entre os alunos. (MEUCCI, 2000, p. 10).

Sendo assim, o objetivo inicial era construir e sistematizar uma nova ciência no país, apresentando teóricos estrangeiros, conceitos, métodos e procedimentos sociológicos, além de formar adequadamente uma comunidade científica na área constituída por brasileiros. Mas, pensando no intuito em que a disciplina foi implementada no Brasil, podemos encontrar aspectos políticos, como menciona Meucci (2000), “para elaboração de um projeto de intervenção política, ou para instituição de princípios de normatização da sociedade e formação cívica, ou para a elaboração de uma consciência científica acerca da vida social entre nós” (p.13).

Logicamente podemos perceber que os cursos de ciências sociais foram criados depois do ingresso da sociologia no currículo de disciplinas do sistema educacional e, portanto, os autores das primeiras obras não eram brasileiros. Nesse sentido, os primeiros manuais reunidos são de origem estrangeira e exigiram notável esforço para sua tradução e construção dos manuais nacionais. Outro ponto é que os primeiros autores não possuíam formação em ciências sociais, uma vez que a disciplina nas escolas secundárias, escolas normais e os próprios cursos superiores requeriam os mesmos para sua formação. Um desses autores foi Delgado de Carvalho, publicando *Sociologia, Sociologia e Educação, Sociologia Educacional, Sociologia Experimental, Práticas de Sociologia*.

Voltando ao aspecto político, partiu da inspiração nos ideais positivistas dos primeiros autores e do desejo de renovar os aspectos políticos e intelectuais no Brasil, é que surge o crescente interesse na nova ciência. Ideais positivistas que influenciaram as campanhas abolicionista e republicana, oferecendo nova ordem educacional, teológica e científica.

Em particular, a partir de 1870, quando, num verdadeiro movimento de transformação do ideário de nossos intelectuais, ganha importância notável o pensamento científico, o conhecimento sociológico passou a despertar interesses. Esboça-se, nesta época, pela primeira vez, a tentativa de discutir, de modo mais ou menos sistemático, o desenvolvimento da sociologia entre nós. (MEUCCI, 2000, p. 21).

Apresentada por Rui Barbosa, em 1879, a ciência surge como proposta para ingresso na grade curricular dos cursos de direito, com o propósito de substituir a disciplina de direito natural. No entanto, o mesmo positivismo que inspirou os primeiros autores dos manuais brasileiros, dificultou a institucionalização da sociologia

no meio acadêmico, por não a reconhecer enquanto disciplina científica e não possuir padrões sistemáticos de trabalho sociológicos.

Meucci (2000) menciona que “quando o positivismo chegou à nós, existiam, de fato, muitas dificuldades para a livre exploração do pensamento racional, em particular, para a explicação racional da vida social” (p. 22). Foi somente no início do século XX em que foram desenvolvidas condições para que a sociologia ingressasse na grade curricular dos cursos de direito, visto que existiam problemas a serem solucionados e a disciplina era um meio para que renovassem a formação intelectual do meio acadêmico na área de direito. A sociologia forneceria critérios científicos para as decisões jurídicas.

Nesse cenário, destacou-se Paulo Egydio de Carvalho, professor da Faculdade de Direito do Largo do Rio São Francisco em São Paulo, que publicou manuais inspirados em Durkheim e que apresentavam princípios fundamentais da sociologia. E ainda, Pontes de Miranda que colaborou para o reconhecimento da cientificidade da sociologia, alegando que os princípios da organização celular e atômica como os da organização da vida social eram os mesmos. Meucci (2000) afirma que na época “pretendia-se, de fato, a reestruturação do meio intelectual através da criação de uma cultura científica” (p. 33).

Portanto, nesse contexto de desejo de renovação intelectual da sociedade, é que ocorreu o desenvolvimento da sociologia, formando uma nova tradição intelectual brasileira. E para uma nova tradição intelectual “era necessário compreender os homens e o seu comportamento de forma objetiva e clara” (MEUCCI, 2000, p. 36). E nesse sentido, fundamentalmente os primeiros manuais da disciplina, de acordo com educador Fernando de Azevedo (1894-1974), precisariam conter a exatidão científica para cumprir seu dever com caráter prestativo e útil. Pensando nesse propósito, os autores dos primeiros manuais, afirmaram que havia a necessidade de que o ensino da ciência fosse menos teórico e mais prático, incentivando assim o desenvolvimento da pesquisa enquanto estratégia didática.

Nota-se, os autores dos manuais entendiam, apoiados nas recomendações da moderna pedagogia (também um campo de conhecimento recente entre nós), que, para tornar compreensível o conhecimento sociológico, as ideias deveriam ser apresentadas nas suas manifestações mais concretas e evidentes. (MEUCCI, 2000, p. 38).

Para evitar o excesso teórico, a predominância da fala do professor em aula, a pesquisa, assim como os seminários, debates, excursões, seriam algumas das estratégias alternativas sugeridas pelos primeiros autores dos manuais da disciplina. Essas estratégias tinham o propósito de despertar o interesse dos educandos para as questões sociais presentes na sociedade. Sendo assim, as atividades propostas levavam os alunos a refletir, investigar, observar, formando assim um pensamento crítico sobre a realidade.

As atividades sugeridas exigiam evidentemente do professor um papel ativo. De acordo com nossos autores, aos professores de sociologia cabia sobretudo a tarefa de disciplinar os alunos, torna-los aptos para consultar bibliografias complementares, auxilia-los no desenvolvimento de trabalhos de campo, na aplicação de questionários e inquéritos sociais, na reunião de dados inéditos. (MEUCCI, 2000, p.39).

Os professores, portanto, tinham um papel de fundamental importância, já que deveria auxiliar os educandos, instruí-los com os conceitos, teorias, métodos, procedimentos adequados para que os mesmos pudessem realizar a ciência na prática, ou seja, realizando pesquisas de campo, pesquisas bibliográficas, entre outras estratégias. Vale chamar a atenção para o fato de que, nos primeiros manuais, contabilizando de mais de trezentas páginas, apresentavam os autores, escolas sociológicas, conceitos, métodos de pesquisa, porém não havia ali qualquer conexão entre o conhecimento sociológico e a realidade social brasileira. Uma vez que, nesse contexto, pouco teria sido feito para a compreensão da sociedade brasileira e seus aspectos, partindo dos princípios sociológicos. Amaral Fontoura (1842-1920) salienta que a Sociologia se encontra na vida, na realidade social, e não nos livros ou manuais didáticos.

Por isso, ao final de cada capítulo, eram sugeridos aos alunos um conjunto de tarefas relacionadas ao aprofundamento dos temas tratados em sala de aula. Estas tarefas compreendiam o preenchimento de questionários, o levantamento de bibliografia complementar para realização de trabalhos escritos, seminários e debates, e sobretudo, o desenvolvimento de trabalhos de campo e inquéritos sociológicos. (MEUCCI, 2000, p.40).

Entre as questões propostas ao fim de cada capítulo, portanto, contavam entre elas visitas, trabalhos de campo, aplicação de questionários. De maneira que, os autores dos manuais pretendiam que o aluno fizesse mais do que mera memorização

dos conteúdos, mas que entrasse em contato com a realidade social da qual os textos poderiam fornecer apenas algumas considerações. Considerações, pois, ainda não se encontravam dados relacionados a sociedade brasileira, de forma que os educandos poderiam recolher e analisar esses dados, formando um novo entendimento sobre suas características e diversos aspectos. Realizando uma conexão útil e efetiva entre teoria e prática.

O próprio autor Amaral Fontoura utilizava os trabalhos dos educandos para construir uma base de dados acerca da realidade social brasileira. Meucci (2000) aponta um fator importante nessa época “o incentivo à pesquisa num meio em que faltava tradição científica” (p. 43). Havia um notável desejo de transformar essa realidade através da pesquisa científica, de forma que, “com o auxílio da sociologia, através do conhecimento científico da sociedade, definir a inserção da educação na vida social brasileira (MEUCCI, 2000, p.46). As questões trazidas nos manuais de sociologia nessa época, solicitavam dos educandos das escolas normais, o desenvolvimento de pesquisas que fizessem a conexão com a realidade social em que viviam, com o propósito de que a conhecessem.

Se o objetivo da educação é levar o indivíduo a fazer melhor, com mais eficiência e propósito, o que é seu dever fazer, é necessário antes de tudo, que se saiba quais as atividades que dele espera a sociedade e quais as fraquezas e deficiências desta sociedade susceptíveis de serem corrigidas. Ora para isso não é suficiente dissertar sobre generalidades e expor belas teorias sociológicas; é indispensável recorrer à análise social, ao inquérito (social survey) das condições econômicas, políticas e culturais da comunidade interessada. Os dados recolhidos permitirão assim estabelecer os objetivos educacionais, os materiais disponíveis e os métodos a aplicar. Estes três elementos capitais são fornecidos pela própria comunidade quando são sistematicamente estudadas e perscrutadas as suas necessidades” (Amaral Fontoura apud MEUCCI, 2000, p. 48).

Sendo exigida pelos manuais da disciplina, os professores deveriam, portanto, se especializarem sobre pesquisa sociológica. Os manuais destinados aos professores traziam a necessidade que reconhecessem a realidade social do país e primordialmente a realidade que cerca seus educandos. Esse reconhecimento sobre a realidade viria através do desenvolvimento de pesquisa científica no campo da sociologia, garantindo a eficácia na ação educativa.

Além disso, o papel atribuído a pesquisa e análise sociológica, é que se reunissem dos dados para que então pudessem formar uma nova consciência

nacional. Por isso, os manuais de sociologia, segundo Meucci (2000), “preocupavam-se, de modo particular, em apresentar técnicas de pesquisa social e sugestões de roteiros para inquéritos sociais” (p. 50). Essas pesquisas deveriam ser realizadas em locais próximos a vivência dos educandos, comunidade local, escola, grupos sociais próximos a realidade dos mesmos, para que pudessem buscar uma análise efetiva e objetiva dos dados.

Mapeando, dessa maneira, os grupos sociais locais para uma organização social seguindo os critérios e conceitos sociológicos, com o intuito de conhecer como esses grupos contribuem para o progresso da comunidade. Capacitando adequadamente os educandos para que pudessem diagnosticar conflitos sociais e possíveis soluções para os mesmos.

Outra medida solicitada pelos autores dos primeiros manuais é que houvessem a construção de museus e laboratórios de sociologia para que dessa forma a pesquisa sociológica fosse incentivada e que tomassem condições melhor favoráveis à sua prática. Seguindo assim, o modelo de laboratórios de outras ciências que existiam nos estabelecimentos.

Esperava-se que o acesso a sociologia deveria ser ampliado a cada vez mais membros da sociedade, sendo por escolas normais, escolas secundárias, cursos de ciências sociais, museus ou laboratórios, para que pudessem atingir novos domínios da sociedade. Para isso, era fundamental que os homens e mulheres que faziam parte do desenvolvimento e moviam sociedade seja pelo trabalho e pela educação, pudessem compreender os fatos sociais.

Compreendeu-se, para adequação do ensino à vida moderna, era, fundamental estender o acesso ao conhecimento científico aos alunos dos cursos secundários. A ciência, nos diziam empolgados os educadores, deveria ser acessível aos brasileiros médios, aqueles com que se deve fazer o país, e não apenas restrita aos especialistas. (MEUCCI, 2000, p. 57).

Segundo Carneiro Leão (1887-1966), a sociologia tinha se tornado componente importante e útil para a grade curricular dos cursos secundários. Para além disso, os primeiros autores dos manuais e reconhecidos na institucionalização da disciplina, acreditavam que o conhecimento sociológico poderia trazer bem-estar para a sociedade, ajudando a solucionar problemas sociais.

Além de cumprir com a função de socialização entre os educandos e comunidade, como afirma, Delgado de Carvalho (1884-1980). Nesse ponto, haveria a socialização entre os alunos, entre os alunos e a comunidade, e entre a comunidade e o espaço acadêmico. A vivência com a realização das pesquisas e análises sociológicas favoreceria ainda o reconhecimento dos educandos para a racionalidade da vida em coletivo, a vida fora dos muros da escola e de suas casas. Meucci (2000), afirma que “a tarefa da sociologia era o estabelecimento do contato dos alunos com a realidade brasileira através, particularmente, do estímulo às pesquisas sociais” (p. 61).

Um fato importante e que deve ser levado em consideração nesse estudo é que os primeiros manuais se mostravam favoráveis e demonstravam as vantagens da pesquisa sociológica, tampouco, não a propunham para seus educandos. No manual escrito por Amaral Fontoura encontram-se apenas três sugestões de pesquisas de campo. Esse fato pode ser atribuído pela inexperiência que os autores tinham na área, bem como a dificuldade que tinham em relação a discussão metodológica e de orientação nas pesquisas ou ainda, ao fato de que os cursos complementares seriam meramente preparatórios para que os educandos ingressassem no ensino superior. Ou seja, embora sua importância fosse tão comentada e as condições favoráveis à sua realização e discussão estivessem sendo construídas, devido a realidade social, o desenvolvimento das pesquisas sociais ainda eram muito tímidas nessa etapa de ensino.

Quanto a institucionalização como disciplina do sistema de ensino brasileiro, Meucci (2000), afirma que “tratava-se de definir a especificidade da disciplina e seus procedimentos científicos, formar um campo de pesquisas sociológicas e, sobretudo, constituir a identidade do novo profissional especializado, o sociólogo” (MEUCCI, 2000, p. 73). No entanto, apesar de estudiosos capazes de empenhar a tarefa de constituir a disciplina no sistema de ensino, faltavam condições adequadas de trabalho, financiamento e apoio a pesquisa. Nesse sentido, a ciência contou com mais uma estratégia para sua institucionalização e difusão na sociedade brasileira, tratam-se das missões compostas por cientistas estrangeiros.

Houveram, entretanto, reações que buscaram, efetivamente, institucionalizar um campo de pesquisas sociológicas. A constituição das missões científicas provenientes da Europa e do Estados Unidos, compostas por cientistas formados nos principais centros científicos do mundo, representou um dos

mais significativos esforços para constituir, entre nós, uma ciência sociológica a despeito das dificuldades que se impunham. (MEUCCI, 2000, p. 74).

Nesse contexto, entre os primeiros e mais importantes manuais, encontra-se *Princípios da Sociologia* escrito por Fernando de Azevedo, onde um dos pontos abordados entre os tópicos que descrevem os principais fundamentos da disciplina, está a pesquisa sociológica e a importância de reconhecer a cientificidade do objeto da sociologia, dos conceitos e teorias sociológicas. O autor, dedica longos capítulos à tarefa que buscar explicar a ciência sociológica, enumerando métodos e procedimentos que validem cientificamente os fatos sociais a serem analisados por ela, como podemos verificar na citação a seguir:

[...] princípios considerados por Azevedo fundamentais para a constituição da sociologia como uma disciplina científica autônoma: 1) o método sociológico deve cumprir 3 etapas: observação, imaginação e verificação, 2) deve-se considerar o problema em si, 3) estudar de uma posição objetiva, 4) submeter a imaginação à verificação, 5) o grande instrumento da ciência é o espírito científico, 6) deve-se dedicar-se ao estudo objetivo e desinteressado das realidades sociais, 7) os fatos sociais são específicos e exteriores, 8) deve-se trata-los como coisas, 9) evitar sistematicamente as prenoções, 10) aplicar métodos de pesquisa das ciências naturais e métodos específicos (histórico, estatístico, sociológico. (MEUCCI, 2000, p. 77-78).

No entanto, ocorria no Brasil o que aconteceu na França quando a ciência e disciplina foram constituídas, a delimitação do novo campo científico deveria se adaptar aos padrões aceitáveis na academia. Em relação a esse aspecto, Gilberto Freyre (1945) afirma que a sociologia “é uma ciência em construção, como uma língua em formação, cuja gramática é ainda precária na estabilidade de suas regras e leis, muitas delas ainda prematuras, pelos menos” (MEUCCI, 2000, p. 86).

Nesse sentido, é seguro afirmar que, as teorias sociais francesas e norte-americanas, assim como a vinda de pesquisadores estrangeiros da Europa e dos Estados Unidos, influenciaram e favoreceram a institucionalização da sociologia no sistema educacional brasileiro. Os autores franceses foram fundamentais para constituição do conhecimento sociológico no país, definindo os princípios fundamentais. Enquanto os norte-americanos influenciaram com o seu entusiasmo pelo desenvolvimento da pesquisa e aplicação do conhecimento sociológico, resultante das pesquisas, para o benefício da sociedade.

3.2 Reformas educacionais no Brasil e marcos regulatórios da sociologia no ensino médio

O período de redemocratização do Brasil, contou com uma crescente ideia não somente sobre a ampliação do acesso à escola pública, mas ainda das práticas e políticas públicas educacionais. No entanto, é preciso destacar que através do Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, foi criado o Conselho Nacional de Educação (CNE) com a incumbência de órgão consultivo do ministro da Educação e da Saúde Pública. E então, no ano de 1988 é promulgada a atual Constituição da República Federal do Brasil e nela destacamos em seu Art.6 o direito social a educação no Capítulo II – Dos Direitos Sociais, Art. 22. inciso XXIV, conferindo à União o dever de legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional, Art. 23. inciso V, dando à União, Estados, Distrito Federal e Municípios o dever de proporcionar os meios de acesso à educação (Inciso pela Emenda Constitucional nº 85 de 2015), Art. 24. inciso IX, conferindo à União, Estados e ao Distrito Federal a competência de legislar sobre a educação. Por fim, no Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto – Seção I – Da Educação, destaca-se o Art. 205. “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”.

Tratando-se da Sociologia, é no ano de 1983, que o Estado de São Paulo, através da Resolução SE Nº 236, de 03 de outubro de 1983, dispondendo sobre as Diretrizes para reorganização do ensino de 2º Grau nas Escolas da Rede Estadual, recomenda a inclusão da disciplina no Ensino Médio. Com o passar do tempo, alguns estados incluíram a disciplina, através de leis ou até mesmo de Constituições Estaduais, ora em todas as séries ou apenas em algumas delas.

Dez anos depois, o Estado de São Paulo abre concurso para professores de Sociologia, porém, no ano seguinte e com a mudança de governo, ocorre uma “reestruturação da rede pública”, segundo Moraes (2011). Nela a disciplina perde espaço e seu conteúdo é recomendado de forma transversal em outras disciplinas com o objetivo de diminuir custos da economia do estado.

Em 1996, promulga-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), Seção IV – Do Ensino Médio, Art. 36. Inciso IV. Incluindo a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries (inciso a partir da Lei n. 11.684, de 2008). O projeto da Lei de Diretrizes e Bases vinha tramitando no Congresso desde 1988, de relatoria do deputado Jorge Hage e em seu

lugar é aprovado o do senador Darcy Ribeiro, sob denominação de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN n. 9.394/96.

O ensino das Ciências Sociais e da Filosofia tomam contornos de uma disciplina que proporcione a construção de uma identidade social, compreendendo a sociedade e seu desenvolvimento, que incentive uma consciência histórica da produção e papel das instituições sociais, entre outros aspectos, para cada indivíduo. No ano seguinte, o deputado federal Padre Roque Zimmermann propõe a alteração do artigo 36 da LDBEN, tornando a Sociologia e Filosofia como disciplinas obrigatórias no ensino médio.

No ano de 1998, a partir da Resolução da Câmara de Educação Básica CEB nº 3, é criada as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Nela encontra-se no Capítulo III - Ciências Humanas e suas Tecnologias, § 2º, item b, “Conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania”, porém sob o dever de “assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado”. Além disso, o Parecer CNE/CEB nº 15/98 destaca que tratando-se da Sociologia, “o espírito da LDB é muito mais generoso com a constituição da cidadania e não a confina a nenhuma disciplina específica”. Portanto, a disciplina nesse meio tempo é tratada de forma interdisciplinar.

O debate em torno de sua obrigatoriedade na grade curricular do ensino médio torna-se difícil a partir do veto do então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso (Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo) com as justificativas de que, caso fosse torná-la obrigatória como disciplina independente, necessitaria de contratação e criação de cargos para professores dessas disciplinas, além de argumentarem que não existia profissionais suficientes para atender tal demanda. Acontece que, segundo Amaury Moraes (2011), seus educandos estavam encontrando dificuldade em encontrar locais para a realização dos estágios. Relata que ele e outros professores comprometidos com o retorno da Sociologia ao ensino médio começaram a “participar de vários eventos de âmbito estadual e nacional e logo passamos a fazer parte da diretoria do Sindicato e, como consequência, frequentamos atividades patrocinadas pela Federação Nacional dos Sociólogos (FNS)”.

Em junho de 2004, a equipe do Sindicato participou do Fórum Curricular Nacional do Ensino Médio, onde ocorreu a elaboração das Orientações Curriculares do Ensino Médio (2004 – 2006). Entre lutas e conquistas entre esses anos, foi apenas no ano de 2008 tendo como autoria Ribamar Alves que o PL. nº 1.641/03 transforma-

se em Lei Ordinária nº 11.684/2008. Tal lei, altera o Art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo as disciplinas “Filosofia” e “Sociologia” com disciplinas obrigatórias no ensino médio. Vale lembrar que, a Lei Ordinária nº 11.684/2008, foi aprovada em um cenário democrático “mais aberto” e desejoso em receber o novo perfil de cidadãos que surgiriam depois de estudar Sociologia em sua formação no ensino médio, ou seja, um cidadão detentor de consciência crítica. O então presidente na época era o Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores.

Ao tratar dos marcos regulatórios para o ensino médio, podemos destacar os Parâmetro Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e o projeto da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Esses manuais norteiam a prática docente em diversas áreas do conhecimento pertencentes ao ensino médio entre eles a Sociologia enquanto disciplina do currículo obrigatório.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, criados no ano de 1999, apontam direções em que todas as disciplinas pertencentes aos ensinos fundamental e médio, devem seguir. Determinando assim os seus objetivos, a começar por diferenciar as áreas de ensino como Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências Naturais e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Na sessão das Ciências Humanas e suas Tecnologias, o texto aponta o sentido do aprendizado na área, as competências e habilidades para serem desenvolvidas com os educandos, além de uma sessão com conhecimentos de Antropologia, Política e Sociologia.

A história da Sociologia como disciplina é conhecida por suas intermitências no currículo escolar brasileiro, por sua variação de objetivos, sujeitos dos quais praticavam seu ensino, suas variadas matizes políticas. Questões políticas, sociais, econômicas entre outras, ditaram os objetivos da educação bem como o foco que deveria ser merecido por cada área de ensino.

No Brasil, ao final do século XX e junto ao período de redemocratização brasileira, surgiu um novo olhar sobre a educação. Conferido a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, também com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino médio, a objetividade da educação estará respaldada em uma retomada de uma educação humanista. A partir daí, representação e comunicação, investigação, compreensão e contextualização

sociocultural são competências exigidas nas Diretrizes. Como destaca o trecho a seguir:

As competências de investigação e compreensão apontam os conhecimentos científicos, seus diferentes procedimentos, métodos e conceitos, como instrumentos de intervenção no real e de solução de problemas. As competências de contextualização sociocultural apontam a relação de sociedade e da cultura, em sua diversidade, na constituição do significado para os diferentes saberes. (BRASIL, 1999, p. 296).

O texto ainda aborda conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Política, destacando respostas no que se refere ao por que, o que e como, ensinar as Ciências Sociais. “O estudo das Ciências Sociais no Ensino Médio tem como objetivo mais geral introduzir o aluno nas principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Política.” (BRASIL, 1999, p.317).

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, assim como os PCNEM, são mais uma das tentativas de aproximação e facilitação entre o professor e a prática docente. O texto inicia com o esclarecimento de dois aspectos importantes ao ensino médio, seriam eles, às finalidades atribuídas e a organização curricular. Presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). As OCEM passam pela análise das Equipes Técnicas das Secretarias Estaduais de Educação e chega aos docentes nas escolas para avaliação dos conteúdos que serão por eles aprofundados.

O texto descreve a introdução da Sociologia como disciplina, desde Emile Durkheim em 1887 e em 1890 quando a Sociologia foi sugerida por Rui Barbosa para substituir a disciplina de Direito Natural no Brasil, porém o mesmo não obteve êxito, passando por diversas fases, assim como descrito nos Parâmetros Curriculares em que a Sociologia é disciplina à mercê dos regimes democráticos ou autoritários no país. Enfaticamente atrelado ao ensino de Sociologia está a necessidade de atender a um dos seus objetivos, a saber: a desnaturalização.

Esse pensamento central do sociólogo deverá nortear o ensino e aprendizagem da disciplina. Em outras palavras, as teorias deverão apoiar-se na desconstrução de “pré-conceitos”, noções “pré-concebidas” pelos educandos, ou ainda sua reconstrução em um processo de estranhamento, para que então facilite a assimilação do assunto tratado em aula. Portanto, o pensamento sociológico destacado no texto traz a importância da desnaturalização e até mesmo o estranhamento ou “renaturalização” dos fenômenos sociais a fim de compreendê-los.

É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade. Isso em termos sincrônicos ou diacrônicos, de hoje ou de ontem. Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. (BRASIL, 2006b, p.105).

Tais atitudes, o estranhamento e desnaturalização, seriam um dos problemas no ensino da Sociologia, pois os conteúdos necessitariam então de uma mediação entre o professor e seus educandos, no sentido que o professor faria uma contextualização com recortes adequados em relação ao assunto abordado. Isto com a finalidade que o educando adquira conhecimento sobre política, economia e direito, fundamentais para a continuidade dos estudos e exercício da cidadania.

Ainda tratada no texto, a questão da interlocução entre a Sociologia e o seu ensino. Destacam-se três tipos de recortes propostos, e são eles: *conceitos*, *temas* e *teorias*. Os conceitos são elementos de significação específicas mais próximos à realidade concreta, os temas articulam-se entre os conceitos e as teorias, estas são tentativas de compreender a realidade reconstruindo-a. É nesse sentido, que é importante lembrar das contribuições das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, em que a pesquisa aparece como elemento necessário no elo entre os três recortes, destacados acima, no qual a Sociologia deverá ser apresentada em sala de aula.

A pesquisa deve estar presente nos três recortes, ou seja, ela pode ser um componente muito importante na relação dos alunos com o meio em que vivem e com a ciência que estão aprendendo. Assim, partindo de conceitos, de temas ou de teorias, a pesquisa pode ser um instrumento importante para o desenvolvimento da compreensão e para explicação dos fenômenos sociais. (BRASIL, 2006b, p.125-126).

As possibilidades de trabalho sociológico na sala de aula se dão como componente importante nessa relação. A pesquisa como instrumento didático, poderá ser utilizada em dois momentos destacados nas OCEM, sendo através de pesquisas realizadas pelos educandos no momento que antecede à exposição dos três recortes citados acima, ou seja, uma forma de que os educandos discutam sobre os resultados encontrados, e assim, o professor poderá contextualizar com os temas, conceitos ou teorias. O segundo momento em que a pesquisa poderá ser trabalhada é posterior

aos três recortes, possibilitando a identificação na pesquisa realizada partindo dos elementos estudados, assim compreendendo e explicando os fenômenos sociais.

Nesse sentido é de fundamental importância que os professores auxiliem os seus educandos antes da pesquisa. Explicar aos educandos os padrões sociológicos e adequando os procedimentos para cada tipo de pesquisa. Primeiramente produzindo um esboço do projeto a ser realizado na pesquisa exploratória, visto que, o tipo de pesquisa a ser trabalhada no ensino médio não possuirá, em sua maioria, um grande aprofundamento.

Os tipos de pesquisa destacados pelas OCEM em sala, são as pesquisas bibliográficas, onde o professor deverá orientar a respeito dos diferentes tipos de textos que poderão encontrar, ou ainda as pesquisas de campo, orientando para definição de um roteiro prévio ou instrumentos, por exemplo, a serem utilizados em entrevistas, questionários, etc. Sendo assim, como alerta as OCEM “o professor deve ensinar que fazer pesquisa requer uma série de procedimentos prévios”. Podendo utilizar também como instrumento didático para a execução de seminários, onde os educandos serão orientados na pesquisa e, posteriormente, apresentarão os resultados obtidos.

Por sua vez, o atual documento sob o qual o Ministério da Educação se debruça é a Base Nacional Comum Curricular que ressalta a importância de elementos diversos que irão compor a estrutura curricular da Sociologia, além das teorias clássicas das três ciências, para que dessa maneira entrem em consenso com o ambiente ao qual o educando está habituado e então possa formular novas questões. Enfatizada na seguinte passagem: “[...] funcionar como ponte entre a vida escolar e a vida fora da escola, e a sua condição de ciência voltada para a reflexão sobre a vida em coletividade” (BRASIL, 2016, p.165).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, no que diz respeito à Sociologia, esta deverá proporcionar aos educandos a base para a construção de um indivíduo capaz de ler, formular questões e pesquisar, acerca de eventos sociais, políticos e culturais. Destaca-se, portanto, que a disciplina – constituída pela união das três ciências, a Sociologia, Antropologia e Ciência política – condiz com dois pressupostos fundamentais do Ensino Médio, o que é observado na seguinte passagem:

[...] a Sociologia responde a duas ordens distintas de missão no Ensino Médio: de um lado, a de compartilhar teorias e conceitos consagrados pelas comunidades científicas dessas três tradições e, de outro, a de contribuir para estimular os estudantes a desenvolverem valores e atitudes compatíveis com a democracia, ao ensiná-los a estranhar e a desnaturalizar o senso-comum, e, com isso, a desenvolver leitura crítica sobre fenômenos como intolerância, preconceitos, estereótipos e estigmas. (BRASIL, 2016a, p.164).

Dessa forma, na aula de Sociologia, deve-se ter como referência a desnaturalização – destacado pela PCNEM e OCEM – das concepções dos educandos para então levá-los mesmos a refletir teorias e conceitos, podendo assim, questioná-lo e discuti-los em um campo de análise mais amplo do tema.

A BNCC ainda ressalta a importância de elementos diversos que irão compor a estrutura curricular da disciplina, além das teorias clássicas das três ciências, para que dessa maneira entrem em consenso com o ambiente ao qual o educando está habituado e então possa formular novas questões. Enfatizada na seguinte passagem: “[...] funcionar como ponte entre a vida escolar e a vida fora da escola, e a sua condição de ciência voltada para a reflexão sobre a vida em coletividade” (BNCC, 2016, p.165). Nesse sentido, mostra-se de extrema importância, a utilização de bibliografias diversas para que aproxime teoria e cotidiano dos educandos, sendo assim, facilitando o aprendizado.

O ensino da Sociologia, portanto poderá ser enriquecido com a utilização de bibliografias diversificadas. Além disso, poderá contemplar ainda a realização da pesquisa realizada pelos próprios educandos e potencializar o processo de aprendizagem. De acordo com a BNCC, a pesquisa trabalhada em sala de aula se propõe a cumprir um duplo propósito:

[...] o de lançar mão da pesquisa como meio privilegiado de ensino prático do que é a Sociologia, deixando mais claro como sua práxis demanda que se articulem teorias, conceitos, métodos e técnicas de pesquisa a serviço da produção de conhecimento científico sobre um determinado aspecto da realidade; mas também o de fazer da pesquisa um suporte para à estimulação de debates e questionamentos acerca do fenômeno estudado, contribuindo por essa via para o desenvolvimento da reflexividade social, cultural e política do/da estudante. (BRASIL, 2016a, p. 165).

É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade. Isso em termos sincrônicos ou

diacrônicos, de hoje ou de ontem. Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais (BRASIL, 2006b, p.105).

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018, p.562).

Enquanto etapa final do ensino básico, o texto da Base Nacional Comum Curricular, ressalta a importância de que os educandos em formação sejam capazes de compreender fundamentos científicos e tecnológicos dos processos de produção, adquiram autonomia intelectual e pensamento crítico, e desenvolvam uma formação ética. A BNCC aponta que é necessário um currículo flexível que compreenda os desafios que se apresentam na realidade de cada ambiente escolar. Espera-se que os educandos adquiram conhecimento sobre conceitos, teorias, procedimentos metodológicos, linguagens científicas, como base do conhecimento científico afim de que deem continuidade ao aprimoramento do seu aprendizado.

4 PESQUISA CIENTÍFICA, SOCIOLOGIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Ao discutirmos Sociologia e pesquisa, é importante destacar o trabalho do sociólogo Pedro Demo que defende a valorização da docência atrelada à pesquisa, como podemos conferir em suas obras “Educar pela Pesquisa” e “Pesquisa: Princípio científico e educativo”. Este último está dividido em quatro partes, sendo elas: 1) Pesquisar – O que é? 2) A pesquisa como princípio científico 3) A pesquisa como princípio educativo 4) Prática de pesquisa & educação. A partir dessas duas obras, destaca-se a relação da pesquisa no processo de aprendizagem:

Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. (DEMO, 2011, p.17).

Demo (2009) apoia a concepção de uma metodologia de pesquisa que seja uma alternativa adequada ao alcance dos educandos ainda na educação básica. Pois, o ato de pesquisar, cheio de rituais como destaca o autor, é realizado apenas por pesquisadores com “certa trajetória acadêmica, domínio de sofisticadas técnicas, sobretudo de manejo estatístico e informático” (DEMO, 2009, p.11). Em relação a pesquisa, o autor busca definir a pesquisa:

Defini pesquisa como questionamento reconstrutivo, buscando uma terminologia suficientemente precisa e abrangente: i) pesquisar é questionar – começa com colocar em questão algo que se imagina saber, ou experimentando novas achegas a um tópico ou fenômeno, desconstruindo o que pareceria vigente, na tradição da teoria crítica; é também exigência do conhecimento autoinovador, disruptivo e rebelde que não se contenta com o que esta na praça, mas busca ver além da colina, sempre; para realizar esta obra, é preciso manejo metodológico que pode ser simples na criança e sofisticado no profissional, em particular o uso de formalizações condizentes em suas várias expressões; ii) pesquisar é reconstruir – surge a produção própria de conhecimento, uma reconstrução que, para ser coerente, pode interminavelmente ser arguida; o processo reconstrutivo admite muitos relevos, empírico, teórico, prático, metodológico, implicando contraproposta naturalmente aberta. (DEMO, 2015, p. 38-39).

Para isso, faz-se necessário o estudo sobre a metodologia de pesquisa em específico, de forma que o ato da pesquisa não seja levado a extrema leviandade, pois a desmitificação a que defende Demo (2009) é a separação entre pesquisa e

ensino ou entre o espaço do ensino superior e o da educação básica. A pesquisa aparece aqui como uma atitude política, além de propiciar conhecimento. Nas palavras de Demo “pesquisa é o processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória” (DEMO, 2009, p.16) pois é através dela que se incentiva a criatividade do aluno, apoiando para que o mesmo se torne um novo mestre, produzindo conhecimento e não meramente receptor.

Incentivando a autonomia do aluno na sua capacidade de elaboração própria, de forma que, mantendo-se atento para as coisas ao seu redor poderá descobrir novas relações da realidade, como ressalta o autor quando defende a pesquisa como meio para descoberta, criação e acima de tudo estimular a capacidade de questionar como ponto de partida. E é nessa busca da percepção da realidade que Pedro Demo (2009) aponta sobre a importância do diálogo na pesquisa. “Dialogar com a realidade talvez seja a definição mais apropriada de pesquisa, porque a apanha como princípio científico e educativo. Quem sabe dialogar com a realidade de modo crítico e criativo faz da pesquisa condição de vida, progresso e cidadania” (DEMO, 2009, p.44).

O autor destacará a sua preocupação com a separação entre teoria e prática que vem ocorrendo no ensino superior e ressalta em diversos momentos que ambos elementos são indissociáveis e, portanto, deve-se repensar o caminho ao qual está sendo trilhado pelas Ciências Sociais nas universidades. Na sua fala “prática é condição de historicidade. Teoria é maneira de ver, não de ser.” (DEMO, 2009, p.100). É possível pensar da mesma maneira sobre o ensino e aprendizagem da Sociologia no ensino médio. Como afirma na seguinte passagem:

A pesquisa, por ser não só conhecimento, mas sobretudo a sua produção, precisa dialogar com a realidade. Toda prática necessita ser teoricamente elaborada, e isto deve fazer parte da organização curricular. Prática não é ir ver, passar perto, mas a união do fazer com o teorizar o fazer. No confronto salutar da teoria com a prática e vice-versa, motiva-se o verdadeiro especialista, sempre pesquisador. Além do natural aprofundamento, fomenta o pluralismo científico, que, embasado na inteligência criativa, é capaz de aprender dos outros, mudar de posição sem leviandade e conviver na dialética dos contrários. (DEMO, 2009, p.62).

Demo (2009) orienta pelo menos dois passos para trabalhar a pesquisa com os educandos: 1) É ensiná-los aprender, de maneira que sua tarefa seja explorar a própria capacidade criativa, abandonando as cópias ou imitações. 2) É saber lidar e

trabalhar com o tema escolhido, trata-se de partir para a prática para então verificar ou comprovar dado tema.

Pedro Demo possui um livro intitulado “Metodologia Científica em Ciências Sociais” onde especifica o lugar do fazer ciência entre outros dois tipos de conhecimento: a ideologia e o senso comum. O primeiro tipo, a ideologia, diz respeito a algo fortemente tendencioso por geralmente apontar a realidade de uma forma idealista. O segundo tipo, o senso comum, trata-se de um conhecimento simples, sem aprofundamento teórico ou prático, com base rasa de espírito crítico. A ciência em si encontra-se entre esses dois tipos de conhecimentos e possui, segundo Demo, alguns critérios sendo eles: coerência, consistência, originalidade, objetivação e intersubjetividade.

O autor retrata em um de seus artigos, a importância do cuidado com o tratamento da metodologia científica no processo de construção de conhecimento. É, parafraseando o autor, de suma relevância que o pesquisador se atente aos procedimentos metodológicos que conduzirão o trabalho científico para a qualidade esperada. Lembrando os principais autores da Sociologia como Marx, Weber, Durkheim e a própria Escola de Frankfurt que tinham como máxima o cuidado metodológico.

[...] De certa maneira, sugere-se que a qualidade acadêmica de qualquer proposta está, antes de tudo, na acuidade epistemológica, ou seja, na preocupação com a possibilidade do conhecimento e da captação da realidade. [...] Em termos práticos, ressalto a autoridade do argumento, em desfavor do argumento da autoridade, preferindo, ostensivamente, a habilidade de fundamentar com coerência e consistência a textos epistemologicamente despreocupados (DEMO, 2003, p.350-351).

O ambiente acadêmico em outros tempos fora permeado por influências ideológicas que impunham o método científico a ser utilizado. Atualmente, encontramos um ambiente em que existe uma pluralidade de métodos e teorias que podem ser utilizados na construção do conhecimento.

Essa mudança de postura metodológica no meio acadêmico nos faz refletir sobre a “mudança de paradigma” postulada por Thomas Kuhn. Quanto a isso, Pedro Demo (2003) discorre, “preferimos departamentos universitários mais pluralistas, porque isto corresponde melhor com a complexidade não linear da realidade, que jamais poderia ser encerrada em teorias e métodos únicos” (DEMO, 2003, p.352).

Ainda se tratando do ambiente acadêmico, Demo (2003) afirma que, através da criação do Programa de Bolsas para Iniciação Científica (PIBIC), coordenado pelo CNPq, pode-se observar que os graduandos que recorrem a pesquisa são aqueles que desfrutam do ambiente acadêmico em sua plenitude, superando o modelo tradicional do mero ensino de “fora para dentro”.

Com isto, pesquisa passou a ser vista como “ambiente da aprendizagem”, assumindo duplo valor: pesquisa é ferramenta essencial para fabricar conhecimento com mão própria; mas é igualmente estratégia pedagógica imprescindível para a formação propriamente dita da/do aluna/aluno, impulsionando especialmente, o saber pensar. (DEMO, 2003, p. 359-360).

Além de um cenário metodológico diverso, a nova academia deverá incentivar a produção do conhecimento científico através da pesquisa, desenvolvendo nos graduandos o espírito crítico e a autonomia. O graduando nesse caso é levado a ser ensinado a “fazer” conhecimento, a tornar-se autor. Para Demo (2003) “talvez a maneira mais efetiva que temos de poder mudar a história, em especial para que seja história própria individual e coletiva, é a capacidade de reconstruir conhecimento com qualidade formal e política” (p.360).

Uma das constatações de Pedro Demo e que é de suma importância para o desenvolvimento do que abordamos nesse trabalho é capacidade de questionar. O ato de questionar é uma das etapas tão ou mais importantes no processo da pesquisa sociológica. Para isso, o autor empenha-se em dissertar sobre a formação da autonomia dos educandos através da pesquisa. Pois isso, significa dizer que os educandos estariam preparados para analisar a realidade mutável e complexa sob a ótica de um pesquisador metodologicamente preparado.

O autor destaca que fazendo isso, ou seja, “alinhando realidades não lineares, as reduzimos a expectativas de ordenamento que podem ser muito mais nossas do que da realidade” (p.361). Fazendo do cuidado metodológico necessário, uma prática cotidiana para desenvolver suas pesquisas, o pesquisador, toma para si o que Demo (2003) denomina de autoridade do argumento, pois, segundo o autor, ciência é questão de método.

Sob a ótica do saber pensar, o cuidado metodológico constitui-se em procedimento formativo dos mais indispensáveis, porque pode contribuir para a predominância da autoridade do argumento sobre o argumento de autoridade. (DEMO, 2003, p.365-366).

O educando munido de conhecimento metodológico adequado e diversificado, adquire autonomia e torna-se autor do conhecimento. Esse posicionamento adquire força e importância na medida em que, segundo Demo (2002), “pesquisa, por isso, é vista hoje como ambiente próprio da aprendizagem reconstrutiva política” (p.366). A respeito disso, o autor discorre em outro artigo denominado “Pesquisa Social” publicado em 2008.

Pesquisa não é prática universitária, ainda, porque nos bastamos com aula. Muitos ainda acreditam que pesquisa só aparece a partir do mestrado. Por isso mesmo, somente instituições que possuem pelo menos mestrado se atrevem a ou devem pesquisar, ou dito de outra maneira, apenas quem é pelo menos mestre pode pesquisar. Na universidade, a prática comum é dar e escutar aula, tudo no mais tranquilo instrucionismo, tendo como complemento fatal a prova e na qual o assunto é recopiar a aula copiada. Instrucionismo é isso: em vez de formar, educar, emancipar, contenta-se com instruir, treinar, domesticar. (DEMO, 2008, p.11)

A lógica em torno da autoridade do argumento e a preferência por aulas cada vez mais práticas, se apoia na ideia de que o dever do professor é auxiliar seus educandos enquanto sujeitos ativos, participativos na construção do conhecimento a partir da realidade, a partir da pesquisa social. Nesse sentido, Demo, se coloca contrário a lógica do argumento de autoridade, que centraliza o poder de fala e destaque de maneira hierárquica quanto aos personagens envolvidos na educação.

A experiência de outros países como a Alemanha, sugerem que no meio acadêmico, a crença é que ensino e pesquisa são intimamente correlacionados, ao ponto que, aquele que é professor é também pesquisador, sujeito ativo na construção do conhecimento. Os requisitos para a docência eram: “i) ter titulação, neste caso doutorado ou algo similar [...]; ii) ter obra própria, ser autor reconhecido, ocupar espaço científico; iii) saber fazer o aluno aprender” (DEMO, 2008, p.13) A pesquisa, nesse cenário, encontra-se no centro do processo de ensino e aprendizagem.

Pesquisa passou a ser importante como tal. Foi além de suas virtudes metodológicas, formais como procedimento de produção do conhecimento, para atingir os píncaros da boa formação. Quer que o aluno aprenda? Não dê aula. Faça-o pesquisar e elaborar, constantemente. Estas atividades são autopoieticas, reconstrutivas, interpretativas, de dentro para fora, constroem a autonomia, propõem autoria. (DEMO, 2008, p.14).

O educando autor do próprio conhecimento, nutre a postura condicionante de questionamento sobre aquilo que lhe é apresentado, aprende a desconstruir o conhecimento dado e reconstruí-lo, ou seja, “quem pesquisa, questiona. É caminho pertinente para o saber pensar. A dúvida aí é constitutiva [...]” (DEMO, 2008, p.14). A condição de desconstrução e reconstrução é vital para a cientificidade do conhecimento. Para Demo, a “ciência é mais propriamente um modo imperecível de desconstruir – no processo desconstrutivo surgem momentos de reconstrução, cuja longevidade é provisória, dentro de um renascer perene” (DEMO, 2015, p.39). O desafio do professor, neste caso, é auxiliar que o educando aprenda através da pesquisa de maneira qualitativa, cuidando dos métodos e técnicas científicas adequados, necessários para uma boa pesquisa e, portanto, um bom aprendizado.

Assim como a diversidade do campo metodológico vêm aumentando a cada dia, a lógica de que o produto final de uma pesquisa científica, ou seja, o conhecimento, este nunca está esgotado. Sendo assim, é possível dizer que “aprendemos também que o melhor resultado da pesquisa é alimentar a discussão, não acabar com polêmicas, estabelecer a verdade, impor linhas retas” (DEMO, 2008, p.22). É possível se pensar através da pesquisa diversas formas e extensões sobre um mesmo objeto, a ideia fundamental é, alimentar o ciclo de questionamento, de desconstrução e reconstrução, alimentar a discussão e produção do conhecimento científico.

A discussão a respeito da pesquisa como estratégia didática encontra fundamento importante no que diz respeito ao cenário em que vivemos atualmente. As sociedades, em âmbito mundial, encontram-se profundamente conectadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nesse sentido, o fluxo de informação é incalculável e inesgotável. A educação, portanto, deverá seguir essas transformações, afim de oferecer um ensino e aprendizado de qualidade.

A informática não é apenas ferramenta, vai se tornando modo de vida. A pesquisa social precisa, ai, correr atrás de duas coisas pelo menos: saber lidar com a informática com ferramenta, e saber estudar as transformações impostas à sociedade pelas novas tecnologias. (DEMO, 2008, p.28).

Essas transformações exigem um novo profissional, uma nova postura docente frente a nova dinâmica em que se dá a aquisição de informação, inclusive, de maneira acelerada. Através da pesquisa, a informação deverá ser transformada e então contribuir a construção do conhecimento. No entanto, é necessário cuidado para que

as novas tecnologias não sejam utilizadas apenas como suportes para as aulas ditas instrucionistas que prioriza a fala do professor na transmissão de conteúdos. Existe um sujeito com papel imprescindível em toda e quaisquer mudanças que sejam necessárias na educação: o professor.

Estudante aprende bem com professor que aprende bem, o que pressupõe sair do sistema de ensino fincado na transmissão reprodutiva de conteúdo, passando para sistema de aprendizagem centrado no aluno e afinado com pedagogias participativas autorais. (DEMO, 2015, p. 8).

Dessa forma, devemos repensar não só o modelo de ensino, mas também o modelo de aprendizagem. O modelo proposto coloca o educando como autor do próprio conhecimento. E, tomando emprestado a ideia do biólogo Jean Piaget (1896-1980) que desenvolveu uma das teorias do conhecimento, esta firmada no que denominou de Epistemologia Genética, o sujeito é protagonista no processo de aprendizagem. O desenvolvimento ocorre, segundo Piaget, através de um contexto de desequilíbrio e reequilíbrio das hipóteses formuladas pelo indivíduo a respeito da realidade apresentada.

Além disso, temos Lev Vygotsky (1896-1934), que também desenvolveu uma das teorias do conhecimento, dessa vez sob a ótica cultural-histórica. Essa teoria enfatiza o papel do professor no processo de mediação da aprendizagem. E nessa lógica de educando-autor, é fundamental que o professor se faça exemplo, ou seja, que se torne autor, pesquisador.

Segundo Demo, ainda na infância as crianças deveriam ser levadas a pesquisar pois só se aprende ciência estando por pratica-la de fato. Para o autor, “o intento é fazer de cada criança um cientista pesquisador, mas principalmente um protagonista da sociedade do conhecimento” (DEMO, 2015, p.38). É, fundamentalmente dizer que a ciência e seus diversos aspectos devem ser apresentados até mesmo para crianças, para se adequarem desde cedo ao sentido de fazer ciência.

Tornar a ciência palpável para uma parcela ainda maior da sociedade e retirá-la do pedestal da sofisticada academia ou lugares ainda mais distantes da sociedade no geral, de modo que, em alguns países essa lógica já é implantada através de diversas instalações de museus científicos, laboratórios em ambientes escolares, excursões com intuito científico, entre outras medidas. Educar através da pesquisa

significa transformação estrutural do ensino e aprendizagem, do modo como, professores e educandos, nos relacionamos com a educação.

[...] outra pedagogia e outro pedagogo, autor, capaz de proposta própria, que saiba estudar, pesquisar, elaborar, não sendo isso nada de outro mundo, mas habilidade que todos podemos exercitar, se a instituição, sobretudo seu professorado, souber praticar. (DEMO, 2015, p.34).

O desafio dessa lógica está em transformar a postura do professor, aquele que enquanto graduando ou até mesmo educando do ensino básico, pouco atuou como autor tendo em vista o modelo de ensino instrucionista vigente. Nesse sentido, vale dizer que, “nosso sistema de ensino é instrucionista visceralmente, ancorado na aula reprodutiva, tanto na escola, quanto na universidade” (DEMO, 2015, p.25). Exigindo, dessa forma, uma nova concepção de ensino e de aprendizagem para os professores e graduando inspirados na docência pautada no ensino a partir da pesquisa. Uma vez que a pesquisa, realizada no ensino superior é majoritariamente através de programas de bolsas de incentivo a pesquisa, e não como uma prática comum da grade curricular.

Educar pela pesquisa combina duas práticas: da ciência formalmente adequada e da pedagogia politicamente emancipatória. De um lado, está o desafio de produzir conhecimento próprio, utilizando a instrumentação metodológica disponível, em especial o método científico, através do qual se constrói conhecimento científico formalmente correto. De outro, está o desafio de formar melhor através de exercícios de autoria, em especial construir a cidadania que sabe pensar, ancorada na autoridade do argumento. No mesmo processo de produção própria de conhecimento embute-se a formação mais aprimorada, mesclando qualidade formal e política. Interessa a cidadania que sabe usar conhecimento como base principal das mudanças históricas, assim como interessa o estilo de ciência que tem compromisso com a sociedade. (DEMO, 2015, p.37).

Ocorre, nesse sentido, uma nova dinâmica para o processo de ensino e de aprendizagem, ambos se relacionam e cooperam entre si. Surge um professor e um educando comprometidos com a pesquisa, de maneira que, o estudante assume um papel protagonista e fundamentalmente autoral diante da construção do conhecimento.

Assim, o ato pedagógico de pesquisar como citado acima, assume a tarefa de educar cientificamente e impulsionar a autonomia dos educandos. De acordo com Demo, “o sentido mais profundo da elaboração própria está na dinâmica de

reconstrução de dentro para fora, na postura do sujeito, o que permite transformar uma ideia que vem de fora em ideia própria” (DEMO, 2015, p.51). A ideia é que a qualidade da aprendizagem é intensificada com o ato de questionar, observar, escrever e formular de maneira própria. O esperado é que o educando seja capaz de compreender o texto lido, abordando todos seus aspectos, testar ou contestar o que se leu e ter condições de dissertar sobre o texto com suas próprias palavras.

Busca-se que a criança se torne, desde cedo, “cientista pesquisador”, para ser protagonista de sua sociedade, manejando com desenvoltura a energia mais típica de sua configuração histórica. Ciência se aprende fazendo ciência. (DEMO, 2015, p.58).

Uma vez que a lógica do processo de ensino e de aprendizagem se volta para a produção autoral do docente e do educando, estará impulsionando a construção e desenvolvimento do pensamento crítico. A escrita autoral é o ponto motivacional para o educando que constrói seu próprio conhecimento, que é protagonista nesse processo.

A relevância da escrita autoral está em introduzir o estudante no metier da produção de texto científico, tornando-o não expectador passivo e enojado, mas protagonista de sua sociedade, passando a perceber que suas oportunidades advêm, como regra de ouro, da capacidade de produção própria de conhecimento. (DEMO, 2015, p.72).

Significa repensar o modelo do processo de ensino e aprendizagem de tal forma a valorizar as atividades que estimulam a elaboração própria e o pensamento crítico. Diante disso, a nova estratégia de ensino e aprendizagem tem o objetivo de problematizar os conteúdos curriculares, abrir espaço para a reflexão e criticidade dos educandos, apoiados pelo conhecimento básico que possuem dos métodos e estratégias científicas.

Trata-se de uma nova postura docente, dessa vez, com maior responsabilidade sobre o processo de aprendizagem dos educandos. Desenvolvendo assim, a pesquisa científica, o pensamento crítico e a autoria como estratégias efetivas na construção do conhecimento. Espera-se que o aluno, torna-se habilmente crítico e além disso, autocrítico, o que permite que o conhecimento seja sempre renovado e colocado em discussão apoiando-se na criticidade da autoridade do argumento, da cientificidade. É colocar o conhecimento sob movimento cíclico de autorrenovação.

[...] conhecimento é processo dinâmico em rebordosa constante, em infundável movimento de autorrenovação, sempre metido em constatações e disputas, sendo esta condição a razão maior de sua utilidade histórica e tecnológica. É fundamental associar elaboração na escola a esta visão de conhecimento para alocar o estudante na sociedade vibrante do conhecimento, não no cemitério de apostilas e aulas instrucionistas. Em sua maior parte, elaboração acadêmica formal exige pensamento analítico ou argumentativo, iniciando-se com uma hipótese problematizadora ou pergunta intrigante, para a qual se busca alguma teorização explicativa. (DEMO, 2015, p.81).

A proposta é iniciar desde cedo os educandos a ter um sentido apurado para a predileção por fundamentações científicas que geram argumentações bem sustentáveis, porém abertas para a discussão. Segundo Demo, “ciência é, a rigor, uma interpretação metodicamente caprichada da realidade” (DEMO, 2015, p.83) ou seja, a pergunta jamais estará fechada, mas aberta para diversas interpretações possíveis, preferencialmente, no mesmo nível de cientificidade.

Em outras palavras, significa dizer que é necessário “saber apreciar a validade relativa das explicações científicas é elevado grau de maturidade acadêmica, quando ciência deixa de se fixa, ou torpeda religioso, assumindo a condição de busca discutível de uma realidade insondável” (DEMO, 2015, p.83). A discussão e o dinamismo são, por assim dizer, aspectos que tornam atrativo o fazer ciência. De modo que tão importante quanto o resultado está a discussão e a construção metodológica, o ato científico em si.

4.1 Aprendendo pesquisando e pesquisando para aprender e apreender a realidade social

Considerando o recorte temporal entre os anos de 2014 e 2019 (cinco anos), podemos encontrar alguns textos que colaboram com a construção do estudo em torno da pesquisa enquanto estratégia didática no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Sociologia no ensino médio. Os textos, direta ou indiretamente, tratam sobre o objeto aqui estudado.

O primeiro texto a ser destacado é de autoria de Célia Elizabete Caregnato e Victória Carvalho Cordeiro e intitula-se por “Campo científico-acadêmico e a disciplina de Sociologia na Escola” que entre os seus pontos discute a relação entre a disciplina

científica e a disciplina escolar. As autoras destacam estudos de Flávio Sarandy (UFRJ, 2004), Ileizi Silva (USP, 2006) e Shelley Souza (UERJ, 2008) que argumentam e apontam para a “necessidade de equilíbrio na valorização de pressupostos científicos e pedagógicos para a consolidação da Sociologia no currículo escolar” (CAREGNATO; CARVALHO, 2014, p. 9). Demonstrando ao decorrer do artigo sobre o distanciamento entre a disciplina científica encontrada no ensino superior e a disciplina escolar do ensino básico.

Certo desprestígio da licenciatura em relação ao bacharelado no curso de Ciências Sociais tem relação com a valorização da pesquisa como atividade profissional e da dicotomia entre pesquisa e ensino, efeitos do desenvolvimento institucional dos campos científicos e da Educação. A formação da licenciatura, embora não impeça o ingresso nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, não é pré-requisito para a docência em nível superior. A formação do bacharel concentra as possibilidades de ganhos simbólicos e de ganhos materiais (econômicos), na medida em que se orienta para a carreira acadêmica, ao passo que a licenciatura está direcionada para a docência na Educação Básica. (CAREGNATO; CARVALHO, 2014, p. 53-54).

No mesmo sentido o autor Juarez Lopes de Carvalho Filho publica um artigo intitulado “O ensino de sociologia como problema epistemológico e sociológico”. O autor realiza um comparativo entre Brasil e França em aspectos da sociologia como ciência e como disciplina. No artigo, fica aparente que em ambos países a intermitência da disciplina se liga a questões políticas, ideológicas e o próprio distanciamento entre o campo acadêmico e científico. Evidencia-se que a constituição da disciplina e a constituição de ciência precedem-se a segunda sobre a primeira forma. Sendo assim, a disciplina surge como espaço de transmissão da ciência. Em relação a pesquisa, o autor discorre que:

[...] os estudantes inscritos na modalidade licenciatura, cujo programa acentua a formação de professores, têm mais dificuldades de se engajarem na pesquisa e almejar um futuro acadêmico de nível superior, mesmo que, do ponto de vista do conteúdo programático, a formação dessas duas modalidades seja praticamente a mesma, com eixos comuns em antropologia, sociologia e ciência política. (FILHO, 2014, p.10).

Em seguida, o terceiro texto de Tatiana Bezerra Fagundes intitulado “Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente” traz a reflexão em torno dos conceitos sobre o professor pesquisador, sua

realidade na educação básica e o papel da pesquisa-ação. Nesse sentido, a autora destaca um movimento iniciado na Inglaterra que reivindica o papel de professor pesquisador a partir da pesquisa-ação que “serviu para nomear um movimento que se origina partindo de professores e do conhecimento que possuem sobre seus espaços de trabalho e os alunos que se encontram nele, estendendo-se ao contexto de produção de conhecimento na universidade” (FAGUNDES, 2016, p. 9).

Um quarto texto trata-se de uma dissertação de Mestrado em Educação de autoria de Erika Kulessa sob título de “Linguagem sociológica e práticas de escrita: uma pesquisa exploratória em aulas de Sociologia no Ensino Médio”. A autora traz a reflexão sobre o papel da linguagem sociológica, a produção textual dos educandos da disciplina e outros aspectos, relatando “a construção de conhecimento científico sobre a sociedade pressupõe um questionamento constante da percepção imediata, da forma como o real se nos apresenta aos olhos, propondo as configurações e explicações que compõem o senso comum” (KULESSA, 2017, p. 25). Nesse trecho, a autora traz a necessidade de emprego dos conceitos de desnaturalização e do estranhamento que são de tamanha relevância para a formação do olhar sociológico necessário para a interpretação da aula de Sociologia e suas atividades.

As autoras Patricia Bandeira de Melo e Tatiane Oliveira de Carvalho Moura trazem em seu artigo “Perspectiva etnográfica como proposta de metodologia de ensino de sociologia” uma experiência vivenciada na cidade de São José do Belmonte, Pernambuco. A experiência foi realizada durante uma Cavalgada à Pedra do Reino, contexto familiar aos educandos. O trabalho propiciou aos educandos que se tornassem autores da construção de seu próprio aprendizado. Ao verem a festa como observadores, os estudantes tiveram o primeiro contato desnaturalizado com a sua própria realidade, podendo apreender os conceitos de cultura, cultura popular e festas a partir da vivência dirigida pela pesquisa de campo. Mais do que viverem o tempo da festa, eles se posicionaram do lado de fora para uma nova experiência, o primeiro exercício prático do aprender fazendo (MELO; MOURA, 2017, p. 23)

Sendo assim, é possível observar que os textos acima mencionados tratam direta ou indiretamente da pesquisa como estratégia pedagógica. Desde o aspecto da formação do professor pesquisador, o olhar sobre a ciência na educação superior e educação básica, e por fim, a experiência vivenciada por Melo e Moura, que trazem a etnografia para a aula de Sociologia na educação básica.

O professor deve criar um ambiente em que os educandos deixem de lado as pré-noções, os pré-conceitos que carregam para que possam dialogar sobre as diversas possibilidades sobre um fato. Esse ato poderá levar os educandos a reestruturar seu pensamento. Conforme Demo, “quem aprende, vai modificando suas ideias, escuta outras, remodela, abandona, retoma, sempre reconstruindo tudo à sua volta” (DEMO, 2015, p.88). Juntos, professor e educando fazem a dinâmica esperada pela ciência.

Por ser, assim, a capacidade de produzir conhecimento próprio possivelmente nossa maior tecnologia do espírito, precisamos usar a escola e a universidade como palcos desse desempenho em tom maior. É perda irresponsável de tempo permanecer tanto tempo na escola e na universidade para ficar curtindo conteúdo morto, ouvindo aula instrucionista, memorizar apostila póstuma, cuidar de cemitério intelectual. Por isso, pesquisar é coisa que deveríamos aprender na tenra idade, dentro do ritmo natural das coisas, pondo-se a perguntar sobre tudo (DEMO, 2015, p.130).

A pesquisa aparece como estratégia didática fundamental e indissociável do ensinar bem e aprender bem. É condição primeira que a pesquisa, ensino e aprendizagem andem juntos, priorizando a autoria científica. Dessa forma, o educando então formado, se autorregularia junto com as transformações incessantes do mundo do trabalho. Através da autonomia conquistada durante a formação para se atualizar, se aperfeiçoar, se especializar nas mudanças de sua profissão.

Trata-se de cultivar habilidades formativas, com uso preferencial da autoridade do argumento, saber trabalhar em equipe democrática e competentemente, lidar com consensos fundamentados e abertos, olhar conhecimento como patrimônio de todos e assim por diante. (DEMO, 2015, p.137).

A dinâmica de aprendizado se volta para desenvolver novas formas para que o educando aprenda. A pedagogia que prima pela pesquisa, se envolve com a importância da leitura, cuida que o educando desenvolva criticidade, o questionamento e o intuito primeiro pela busca de experimentar. Segundo Demo, “à medida que aprende a fazer experimentação científica, já usando a seu modo e em sua idade o método, aprende sobretudo a construir olhar crítico autocrítico, apreciando e questionando o conhecimento” (DEMO, 2015, p.148). Através da problematização de um conteúdo, o educando atravessará a pesquisa e a elaboração própria para

então firmar novo conhecimento, conhecimento próprio. É a pedagogia que tem o aprendizado do educando como objetivo principal.

Isso implica ainda em uma reformulação do currículo pois os conteúdos deverão ser bem articulados para serem melhor aprofundados. Para que, dessa forma, “trabalhando número menor, possamos ser mais consequentes em seu tratamento; ou seja, cada conteúdo será devidamente pesquisado, desconstruído, reconstruído e elaborado, de maneira claramente autoral” (DEMO, 2015, p.150).

Passará ainda por uma reformulação do que se costumeiramente se utiliza no processo de avaliação. O sentido de avaliar se volta para a produção autoral. Tomando a pesquisa como eixo norteador do aprendizado, o educando passará a produzir diariamente no processo de construção da aprendizagem com autoria. Demo relata que “produzindo todo dia, o estudante oferece a melhor chance de avaliação, porque encaixada no próprio processo de aprendizagem e atrelada exclusivamente ao objetivo diagnóstico e preventivo” (DEMO, 2015, p.150).

Busca-se acompanhar o estudante de perto, com o compromisso de garantir seu direito de aprender bem. Chama-se “processual” porque está aninhada no próprio processo de aprendizagem, realizando a intenção diagnóstica e preventiva, que é o toque mais elevado da avaliação bem feita. Tem como objetivo captar, até onde é possível, a qualidade da aprendizagem, traduzida no aperfeiçoamento da elaboração de textos, na elegância do saber pensar, na autoridade do argumento, no pensamento crítico autocrítico e assim por diante. (DEMO, 2015, p.167).

Dessa forma, o foco do professor seria cuidar de orientar os educandos a partir das constatações observadas diariamente. O momento de instrução na aula seria limitado ao caráter supletivo, acontecendo apenas para o devido encaminhamento teórico e metodológico para as pesquisas discentes. Isso para que “professor saiba pesquisar, com devida metodologia científica, manejo do método científico, noção de experimentação, estudo e prática de modelos mais e menos quantitativos e qualitativos” (DEMO, 2015, p.158). Enquanto isso, cabe ao professor buscar aperfeiçoar-se e também tornar-se pesquisador para que seja exemplo para os educandos.

Considera-se que avaliar o que o aluno produz é a maneira mais apropriada de avaliação, ainda que, como toda avaliação, não seja completa ou perfeita. Na elaboração o estudante acaba se desvelando em profundidade condizente, à medida que mostra como lida com conceitos e teorias, como

aprende a fundamentar sem se fechar, como lê e contralê, como brande a autoridade do argumento, como se vincula a validades relativas bem elaboradas, e, não por último, até que ponto domina conteúdo. (DEMO, 2015, p.167).

Nesse sentido, a mudança para utilizar a pesquisa como estratégia didática na aula deverá partir inicialmente do professor. Pois, o mesmo precisa cuidar que o educando tenha o mínimo de infraestrutura para que possa realizar pesquisas. Isso significa que além de buscar aperfeiçoamento didático e metodológico, o professor deve proporcionar visitas a biblioteca da escola, sala de computação, entre outros meios para que os educandos tenham condições e materiais para suas pesquisas.

[...] implica enormes mudanças estruturais na escola, em especial no professor. Supõe, desde logo, que o professor pare de dar aula e volte-se para organizar a produção discente: aula é para o aluno produzir, não copiar; ou seja, não faz sentido nenhuma aula instrucionista. (DEMO, 2015, p.167-168).

O intuito é transformar a mentalidade dos educandos e docentes para que encontrem e vejam a ciência que está a sua volta. A Sociologia precisa demonstrar quão próximos todos nós estamos dos objetos estudados pela ciência, ou ainda, como fazemos parte disso. Os elementos dos quais a ciência se apropria para estudo, estão ao alcance do educando de ensino básico. E os educandos e os docentes deverão apropriar-se desse universo através da pesquisa.

Os problemas mais atraentes e motivadores são os abertos, aqueles que se alimentam das chegadas aproximativas, que trabalham desafios que ressurgem no seguinte passo ainda mais desafiadores. A ideia é transformar conteúdos escolares em desafios dessa ordem, para que, motivando o estudante mais de dentro, intrinsecamente, se aventurem a pesquisar de peito aberto e produzam elaborações particularmente criativas, críticas e autocríticas. (DEMO, 2015, p.160-161).

Significa atrelar teoria e prática através do questionamento reconstrutivo para que a construção do conhecimento seja sua finalidade e a pesquisa o meio. Ou seja, é primordial que a pesquisa e o questionamento sejam colocados como prioridades no processo de construção do conhecimento. Dessa forma, através da pesquisa, o educando toma para si a autonomia, refletindo em sua formação enquanto sujeito histórico.

Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. [...] Nenhum fenômeno histórico é mais característico do questionamento reconstrutivo do que o processo emancipatório, não apenas em seu ponto de partida, mas principalmente como marca permanente do processo. (DEMO, 2015, p.10).

Nesse sentido, a pesquisa assume lugar essencial na construção da condição de emancipação dos educandos, pois, estando constantemente construindo e reconstruindo seu conhecimento, tornam-se críticos, autocríticos. Dando ao educando a condição de autor do próprio conhecimento também estaremos desfazendo a estrutura de aula instrucionista que possui a marca do professor. Este, deixará de ser reproduzidor do conhecimento e passará a guiar os experimentos científicos que os educandos forem vivenciar. Alterando a estrutura do processo ensino e aprendizagem pautado na aula instrucionista para um processo dinâmico em que o educando adquire autonomia no processo de aprendizagem. Esse processo será possível através do incentivo ao questionamento reconstrutivo e da valorização da pesquisa enquanto estratégia didática de ensino e aprendizagem.

Por “questionamento”, compreende-se a referencia a formação do sujeito competente, no sentido de ser capaz, de tomando consciência crítica, formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico. [...] no questionamento aparece tanto a descoberta crítica, quanto a capacidade de mudar. [...] Por “reconstrução”, compreende-se a instrumentação mais competente da cidadania, que é o conhecimento inovador e sempre renovado. Oferece, ao mesmo tempo, a base da consciência crítica e a alavanca da intervenção inovadora [...] não precisa ser conhecimento totalmente novo, coisa rara, alias. Deve, no entanto, ser reconstruído, o que significa dizer que inclui interpretação própria, formulação pessoal, elaboração trabalhada, saber pensar, aprender a aprender. (DEMO, 2015, p.13).

O ser humano naturalmente nasce com o instinto de questionar, buscar, pesquisar. Trata-se de utilizar esse instinto em prol da construção do conhecimento. E ainda, de tornar o ato da pesquisa menos longínquo quanto é na ideia de que só existe pesquisa no nível de pós-graduação. Além disso, é aproximar dos educandos, através do olhar científico e sociológico, os objetos de investigação naturalmente encontrados por toda parte. É aproveitar as oportunidades de aprendizado. Segundo Demo, “isso permite a emergência de um sujeito que pode fazer a história, porque maneja habilmente o instrumento principal de inovação, que é o conhecimento

qualitativo” (DEMO, 2015, p.16). Essas perspectivas pedem por novas posturas tanto dos educandos quanto dos professores.

Cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva. (DEMO, 2015, p.19).

O professor, portanto, deverá criar um ambiente em que a capacidade inventiva seja motor propulsor na construção do conhecimento. Dessa forma, para além das atividades individuais de cada educando, deverá ainda propiciar atividades que contem com a participação em equipe de maneira ativa, produtiva, reconstrutiva, colaborativa, sendo múltipla e autônoma ao mesmo tempo.

Fundamental é fazer que todo o ambiente escolar desde os portões até as salas de aula, todos os colaboradores ali presentes na escola, possam estimular o sentido de autonomia dos educandos. A escola deverá se tornar um mundo de possibilidades para os mesmos. Além disso, é tratar de retirá-los da condição de meros receptores de conhecimento para que se transformem em autores motivados pelo intuito de pesquisar.

Nesse sentido, todos os envolvidos na educação deverão investigar o meio no qual os educandos convivem, culturas, contextos sociais, suas motivações. Estabelecer uma relação entre pais, funcionários da escola, professores e os próprios educandos em parceria, valorizando a experiência que cada um destes vivencia na escola, no bairro, na sociedade em que vive.

Dessa forma, se espera que o educando tome a iniciativa de investigar, de buscar os meios aos quais dispõe para responder aos questionamentos, buscar dialogar com os demais colegas, construir hipóteses e construir um conhecimento crítico, através da pesquisa. O papel do docente é fazer os educandos irem além das cópias e memorizações de conteúdos.

Uma coisa é manejar textos, copia-los, decora-los, reproduzi-los. Outra é interpreta-los com alguma autonomia, para saber faze-los e refaze-los. Na primeira condição, o aluno ainda é objeto de ensino. Na segunda, começa a despontar o sujeito com proposta própria. (DEMO, 2015, p.28).

É necessário proporcionar essa estrutura, pois trata de transformar a noção de ensino e de aprendizagem, segundo Demo, “esta dinâmica a avança ainda mais,

quando se trata de saber fazer e refazer um texto, passando-se de leitor a autor. Aparecendo a elaboração própria, tornar-se visível o saber pensar e o aprender a aprender” (DEMO, 2015, p.29). A noção de ensino e aprendizagem desta vez está centrada no educando como protagonista, na pesquisa como estratégia central de ensino, na transformação de professor e educando como pesquisadores e autores de conhecimento atual, local, crítico, autocrítico, reconstruído e passível de reconstrução.

[...] é fundamental que os alunos escrevam, redijam, coloquem no papel o que querem dizer e fazem, sobretudo alcancem a capacidade de formular. Formular, elaborar são termos essenciais na formação do sujeito, porque significam propriamente a competência, à medida que se supera a recepção passiva de conhecimento, passando a participar como sujeito capaz de propor e contrapor. (DEMO, 2015, p.34).

O educando passará de mero receptor para aprendiz do aprender, será levado a ler, duvidar, questionar, pesquisar, será motivado a buscar fontes, dados. Todos esses elementos são essenciais para o questionamento reconstrutivo que norteará o sentido do aprender a aprender através da pesquisa como estratégia didática de ensino e aprendizagem.

A realidade em torno do ensino e do aprendizado seria transformada a partir da perspectiva da pesquisa como estratégia pois envolveria a promoção de atividades que incentivem os educandos a pesquisar, como eventos de exposição seja ciências ou matemática, por exemplo. Envolve o acesso e incentivo a sala de computação e bibliotecas para que se estimule a leitura e pesquisa. O envolvimento da família é imprescindível assim como o aproveitamento do tempo que os educandos estão presentes na escola.

[...] tornar o questionamento reconstrutivo atitude cotidiana na escola, de sorte a fazer ambiente positivo e estimulante, no qual a leitura constante é algo normal, a feitura de trabalho próprio é óbvia, o esforço de equipe bem organizado e produtivo é exigência evidente, a participação ativa em tudo é procedimento absolutamente comum (DEMO, 2015, p.41).

Significa dizer, dessa forma, que a prioridade seria o aprofundamento dos conteúdos do currículo escolar do ensino de Sociologia. Essa reorganização curricular implicaria no sentido de priorizar também o tempo disponível, ou seja, a aula seria marcada pelo desenvolvimento sustentável em que os educandos se empenham seus trabalhos. Seria assim, o aprofundamento do conteúdo no ritmo de desempenho

qualitativo dos educandos. Pois, “o desafio da pesquisa leva naturalmente a organizar o trabalho de outra maneira, porque supõe outro tipo de dedicação, participação, presença ativa, tarefa individual e coletiva” (DEMO, 2015, p.43). A aula e a sua dinâmica devem estar preparadas para sustentar a pesquisa como estratégia eficaz para a construção do conhecimento.

Sendo assim, uma vez que se prima pela postura de um professor pesquisador, educandos pesquisadores, questionamento reconstrutivo como um norte para a pesquisa como estratégia didática na aula de Sociologia. Essas e outras reformulações necessárias implicariam no projeto pedagógico da escola e do professor.

O projeto precisa conter as marcas da competência, sinalizada pelo questionamento reconstrutivo, o que exige bom manejo da lógica e democracia. [...] é mister haver confluência entre teoria e prática, formulação teórica autônoma com base nos autores que se consideram aptos como fundamentação adequada, teorização das práticas para aprender sempre destas, mudando as teorias e as práticas, além de exibir capacidade tranquila de elaboração própria e de formulação de proposta e contraproposta. A capacidade de argumentar, fundamentar, raciocinar, questionar deve estar presente em todas as fases. (DEMO, 2015, p.48-49).

A pesquisa se torna então, princípio educativo, pois através dela se constrói o conhecimento e diversas habilidades no educando, como a autonomia, questionamento reconstrutivo, pensamento crítico, habilidade de autoria. Assim, para ser possível, o professor e a noção da construção do conhecimento devem ser transformados. O professor assume postura de pesquisador e essa habilidade aparecerá em seu planejamento, em seu projeto pedagógico próprio, que se reconstruiria constantemente.

O projeto pedagógico próprio será a base do projeto pedagógico da escola, já que seria uma simples impossibilidade imaginar que professores incapazes de elaborar seu próprio projeto, poderiam, juntos, elaborar um projeto coletivo. [...] sua adequada elaboração implica, necessariamente, pesquisa, atualização constante, teorização das práticas, aprendizagem de outras experiências, autocrítica permanente, e assim por diante. (DEMO, 2015, p.48).

O professor deverá empenhar-se no sentido de desenvolver práticas científicas a partir da pesquisa para o eixo curricular ao qual faz parte. Assim, ele mesmo precisa

elaborar textos próprios, trabalhar a autoria e autonomia na construção e reconstrução no conhecimento. Garantindo marca científica suficiente, teoria e prática, metodologia científica, para se tornar exemplo aos seus educandos.

[...] tratando-se de qualidade formal e política, é simplesmente essencial não basta-se com o burilamento do conhecimento, mas procurar a capacidade de intervenção alternativa. [...] uma das formas mais propícias para globalizar teoria e prática é a teorização das práticas, que significa tomar práticas como ponto de partida para a crítica e autocritica, elaborar este questionamento, descobrindo suas lacunas, refazer a devida base teórica para superar as lacunas, e reinventar a própria prática (DEMO, 2015, p.52).

A postura de professor pesquisador é significativa, não só para se tornar exemplo para os educandos, mas para o próprio progresso enquanto profissional. De modo que a busca por aperfeiçoamento seja constante, através da formação continuada, cursos em nível de pós-graduação ou propriamente da pesquisa científica.

[...] produzir material próprio implicando constante pesquisa, contraleitura sistemática, acompanhamento de perto dos avanços científicos e didáticos na área, participação de seminários e eventos, e assim por diante. Nenhum material didático pode ser tão decisivo quanto a presença dinâmica do próprio professor. (DEMO, 2015, p.55).

A partir do viés apresentado pelo sociólogo Pedro Demo, verificamos o quão a pesquisa poderá representar, de maneira significativa, a melhoria qualitativa quando se tratar do processo de ensino e do processo de aprendizagem. Dois momentos, dois atores que atuam em parceria e embora ao mesmo tempo sejam autônomos em suas produções. O resultado do ciclo de pesquisas e discussões, culminam em uma constante construção do conhecimento que a cada autor será enriquecida, porém nunca estará de modo acabado, finalizado.

4.2 A sociologia a partir de três livros de didáticos

I) Sociologia, das autoras Silvia Maria de Araújo e Maria Aparecida Bridi;

O livro “Sociologia” escrito por Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim encontra-se organizado em 12 (doze) capítulos, mesclando as três Ciências Sociais: Sociologia, Ciência Política e Antropologia. Logo em sua carta de apresentação, as autoras mencionam sugestões de leituras, filmes e sites, como convites aos educandos para “aventuras investigativas”. Em seguida, podemos salientar que na apresentação da estrutura da obra, são realizados destaques de como cada capítulo é estruturado, nos interessa o ponto em que, ao decorrer do capítulo, é destacado um item direcionado à pesquisa, ressaltando o tema trabalhado.

Destacamos o primeiro capítulo do livro didático Sociologia, pois realiza uma apresentação das Ciências Sociais e leva o título “As Ciências Sociais nasceram com a modernidade”. O capítulo tem como tópicos “As Ciências Sociais são fruto da transformação social”, “A divisão entre as Ciências Sociais”, “Senso comum e ciência”, “Métodos para pensar a realidade social”, “O objeto de estudo da Sociologia”, “A produção teórica dos autores clássicos”. Esses principais tópicos abordam a trajetória das Ciências Sociais, os principais teóricos, os métodos e objeto de estudo das Ciências Sociais. Ainda neste capítulo, encontram-se espaços como “Diálogos interdisciplinares”, “Revisar e sistematizar”, “Teste seus conhecimentos e habilidades”, “Descubra mais” e a bibliografia utilizada no capítulo.

Ao decorrer do capítulo, existem destaques que dialogam com o tema e que sugerem aos educandos que observem e reconheçam alguns pontos que ligam a Sociologia ao seu cotidiano e ao seu contexto social. Nos interessa notar que, existe um destaque específico destinado à pesquisa, no caso do capítulo primeiro ao qual estamos discutindo, o destaque apresenta aos educandos uma imagem e solicita que realizem uma pesquisa e que trate a imagem sob duas maneiras: a científica e a do senso comum. Depois de descrever a imagem sob as duas formas mencionadas, os educandos são convidados a apresentarem seus resultados à turma.

Os demais capítulos do livro didático possuem destaques destinados à pesquisa sob diversas formas, seja solicitando pesquisa individual, pesquisa em grupo, pesquisas bibliográficas, em jornais, revistas, pesquisas em sites. Outros destaques ao decorrer dos capítulos levam os educandos a pensarem aspectos da

sua realidade social sob empenho do olhar sociológico. Nesse sentido, o sociólogo norte-americano Charles Wright Mills (1916-1962), discute sobre a imaginação sociológica, quanto a isso, as autoras acrescentam:

Estudar Sociologia aprimora a nossa capacidade de observar o universo das relações sociais e nos torna, de um modo geral, mais atuantes e participantes nas questões que envolvem a comunidade. Os seus apoios conceituais são históricos e contextualizados, relacionados à compreensão das necessidades locais e coletivas em diferentes momentos. Procuramos estabelecer nesta obra pontes de entendimento entre as realidades local e global, os níveis individual e coletivo, a teoria e a realidade empírico-prática, a sociedade ampla e os pequenos grupos sociais, mantendo a ideia de totalidade e das inter-relações que constituem a sociedade. (ARAUJO, BRIDI, MOTIM, 2016, p.69).

Os destaques anteriormente mencionados são intitulados por “Pesquisa”, “Pausa para refletir”, “Encontro com cientistas sociais”, “Debate”, “Intelectuais leem o mundo social”, além de alguns outros destaques pertinentes a cada tema trabalhado nos capítulos que sugerem questionamentos, reflexões, debates e pesquisas para mobilizar os estudantes a discutir e refletir os fatos através das Ciências Sociais. Como mencionado na citação acima, as autoras se preocupam em relacionar teoria e prática, e é através destes que realiza suas conexões.

II) Sociologia para jovens do século XXI, dos autores Ricardo Cesar Rocha da Costa e Luiz Fernandes Oliveira

O livro didático “Sociologia para jovens do século XXI” escrito por Ricardo Cesar Rocha da Costa e Luiz Fernandes Oliveira, possui 03 (três) unidades temáticas que contam com 08 (oito) capítulos cada, totalizando 24 (vinte e quatro) capítulos. A primeira unidade é intitulada “Sociologia e Conhecimento Sociológico”, a segunda “Trabalho, Política e Sociedade” e por fim a última unidade “Relações Sociais Contemporâneas”. Em comum, todos os capítulos trazem em seus três últimos tópicos os destaques “Interdisciplinaridade”, “Interatividade” e “Aprendendo com jogos”.

Nós, autores deste livro, já ouvimos em muitas escolas brasileiras algumas afirmações de que os jovens não se interessam pela discussão da Sociologia, pois não veem sentido na “matéria” ou são atraídos por coisas mais interessantes fora da escola. Entendemos, porém, que quando muitos jovens perguntam para que serve a Sociologia, ou quando afirmam que muitas

disciplinas são “chatas”, nós precisamos compreender o que está por trás desses comentários. (COSTA, OLIVEIRA, 2016, p.12).

Interessante notar que, os autores reconhecem comentários feitos pelos educandos do Ensino Médio, quanto a opinião a respeito da Sociologia enquanto disciplina. A linguagem do livro didático se apresenta dinâmica e procura manter um diálogo com o educando. Segundo os autores, grande parte dos jovens dessa geração preocupam-se em se divertir, deixando para outros momentos o compromisso com as responsabilidades, como os estudos.

A inspiração e o compromisso da Sociologia são com o entendimento da realidade social. O papel da Sociologia é contribuir para que repensemos a nossa visão de mundo, deixando de lado nossas ingenuidades e preconceitos. Sua tarefa teórica é se contrapor à visão do que predomina no senso comum, que considera que o útil é o que dá prestígio, poder, fama e riqueza – julgando o conceito de utilidade pelos resultados do que a maioria das pessoas considera como “ações práticas” da vida cotidiana. Não deixando guiar pelo senso comum, a Sociologia nos instrumentaliza com conhecimentos para nos tornarmos conscientes de nós mesmos e das ações de homens e mulheres que desejam profundamente a liberdade e a felicidade. (COSTA, OLIVEIRA, 2016, p.13).

O livro didático realiza uma apresentação das Ciências Sociais, conceitos e métodos em determinados capítulos e ainda menciona a imaginação sociológica, cunhada por Wright Mills, assim como o livro anteriormente aqui apresentado. O ponto que nos interessa é que ao final de cada capítulo, nos destaques de “Interatividade”, há um tópico intitulado “Pesquisando e refletindo”. Neste destaque são sugeridos livros, filmes, músicas e sites para que os educandos possam refletir.

III) Sociologia em Movimento, contando com mais de dez autores na elaboração do livro didático

O livro didático “Sociologia em Movimento” conta com mais de uma dezena de autores e é dividido em 6 (seis) unidades e totalizando 15 (quinze) capítulos. O primeiro capítulo do livro se dedica a realizar uma introdução das características do senso comum, conhecimento científico e, por sua vez, do conhecimento sociológico. O capítulo intitula-se “Produção de conhecimento: uma característica fundamental das

sociedades humanas” e contém seis tópicos, além das “Considerações sociológicas”, “Direito e sociedade”, e “Atividades” que tratam da introdução à Sociologia. Os autores discorrem a respeito dizendo:

Diferentemente dos modos de organização da vida social que a precederam, a sociedade contemporânea tem sido capaz de produzir explicações distintas sobre si mesma, graças ao papel exercido pelo conhecimento científico. Se pensar sobre a vida social é uma característica das sociedades humanas, com a Sociologia esse pensar adquire rigor e perspectiva singulares, que se expressam na construção de diferentes métodos de análise sobre o mundo. (ARAUJO, COSTA, 2016, p. 26).

Ao decorrer dos capítulos existem pequenos destaques que indicam livros, filmes ou sites, por exemplo, sugerindo que os educandos pesquisem o tema tratado no capítulo. Ao final das atividades propostas nos capítulos do livro didático, há um tópico intitulado “Questão para pesquisa”. Nos referidos tópicos são sugeridas pesquisas bibliográficas que culminam em debates, pesquisas que são seguidas por aplicação de questionários destinados às pessoas da comunidade escolar, entre outros tipos.

4.3 Experiências pedagógicas campinenses em três modalidades de ensino distintas

As experiências pedagógicas campinenses que tratamos nessa seção, relatam as experiências de três professores (as), como mencionado anteriormente, que lecionam em ofertas distintas de ensino médio. A abordagem tratará os professores (as) através de nomes fictícios para salvaguardar suas identidades, assim como as escolas em que lecionam terão os nomes ocultos.

A escolha por distintas ofertas de ensino dá-se a respeito do tempo destinado a disciplina Sociologia em cada uma delas, bem como os possíveis desafios e características singulares que apresentam. Nas considerações expostas na Seção 2, constatou-se que as três ofertas de ensino disponibilizam apenas uma aula semanal para a disciplina de Sociologia no ensino médio, muito embora as características estruturais e a postura política de cada oferta, se diferencie. Desta forma, buscamos analisar as repostas obtidas conforme o que foi apresentado na discussão teórica que se desenrolou até esta seção.

Os três sujeitos da pesquisa aceitaram participar da entrevista de maneira voluntária e consentiram com a divulgação dos dados. A seguir, podemos verificar o “Quadro 4 – Perfil do (a) professor (a) e ambiente escolar” que traz as informações dos professores quanto a nomes e formação acadêmica, bem como, campo de atuação profissional.

QUADRO 4 – Perfil do (a) professor (a) e ambiente escolar

NOME: Meu nome é Patrícia.

ESCOLARIDADE: “Superior completo, concluindo o doutorado.” “Desde a graduação que eu trabalho com gênero e religião, só que agora no doutorado eu mudei porque eu tirei um pouco o foco da religião e trouxe mais para a educação porque eu comecei a lecionar, eu achei mais interessante.” “Leciono somente na Escola Cidadã Integral [...] porque é integral e não pode ter outro vínculo”

NOME: “Meu nome é Rodrigo Souza, sou professor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio [...], trabalho no Estado como professor dessa disciplina desde 2012 até o momento atual. E acabo de chegar na escola esse ano. Cheguei aqui entre fevereiro e março. E estou em fase de adaptação no ambiente escolar.”

ESCOLARIDADE: “Sou licenciado em Ciências Sociais, pela UFCG, campus de Campina Grande. Conclui no ano de 2010. E em seguida, fiz bacharelado em Antropologia, entrei como graduado e fiz o bacharelado em Antropologia também na UFCG. E sou mestre, também, em Ciências Sociais pelo PPGCS campus de Campina Grande. Eu tenho essas áreas de atuação. Como já tinha falado, no Estado desde 2012, na época em que ingressei no Estado estava fazendo o mestrado simultaneamente e defendi minha dissertação em 2014. Então eu venho trabalhando na área de Sociologia desde 2012 pra cá”. “Então, segundo a legislação nós temos que completar nossa carga horária de 30 horas semanais, sendo 20 horas em sala de aula, como professor de escola regular, 5 horas de departamento e mais 5 horas você faz planejamento, que pode ser em casa, de uma forma mais flexível. Então tenho essa carga horária, na Escola [...] disponibiliza apenas 15 aulas de Sociologia, a gente tem somente uma aula por turma. E o que acontece, não tenho como completar

minha carga horária apenas nessa unidade escolar, que seria o ideal para mim, apesar de morar um pouco distante, mas acharia interessante completar a minha carga horária em uma escola só. Portanto, eu tenho complemento de carga horária, trabalho no São Florentino, tenho complemento de carga horária [...] [na] Escola Cidadã Integral, porém, na noite eles funcionam com EJA. Então eu tenho quatro aulas [...] [na ECI] a noite no EJA. E tenho complemento de carga horária também na Escola Estadual [...], que fica no bairro Malvinas, sendo que lá a escola é apenas de ensino fundamental, e aí eu completo minha carga horária com ensino religioso e educação emocional e social, que é uma disciplina nova que entrou na ementa do Governo do Estado, acredito que no ano passado ou esse ano. Uma disciplina que está em processo de formação. Portanto, eu trabalho nessas três escolas para completar minha carga horária.”

NOME: “Meu nome é Roberta.”

ESCOLARIDADE: “Tenho licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais, aqui na federal de Campina, com a pós-graduação em mente mas ‘aí’ eu tive que cancelar ela, mas pretendo continuar.” “Fiz primeiro a licenciatura e ‘aí’ aproveitei algumas disciplinas para incorporar no bacharel, ‘aí’ conclui os dois, para não perder tempo. ‘Aí’, quase na época que eu fui concluir estava tendo aquela mudança ou você vai para a licenciatura ou você vai para o bacharel. E na minha época, poderia se prolongar.”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

A primeira e segunda questão se relacionam ao perfil dos professores entrevistados, sendo, o nome e a escolaridade. Os três professores entrevistados são formados no curso superior de Ciências Sociais e dois deles possuem pós-graduação na área de Sociologia.

Como mencionado anteriormente, dos entrevistados, dois possuem contrato de dedicação exclusiva para com a escola em que lecionam, ou seja, lecionam em Escola Cidadã Integral ou Escola Cidadã Integral Técnica. No entanto, vale destacar a situação de Rodrigo Souza que leciona em escola regular de Ensino Médio e em mais duas escolas. Sendo assim, além da disciplina de Sociologia no ensino médio regular, atua ainda na Educação de Jovens e Adultos e também em uma disciplina do ensino

fundamental em uma terceira escola, totalizando três escolas. Em uma destas, lecionando a disciplina de ensino fundamental de ensino religioso e educação emocional e social, atua fora de sua formação. Ou seja, para concluir a carga horária semanal, necessita lecionar em mais de uma escola e também leciona outras disciplinas além da Sociologia. Assim como as professoras com dedicação exclusiva, que lecionam disciplinas diversificadas para concluir a carga horária semanal de trabalho.

Percebemos que, como mencionado em capítulos anteriores, os três modelos de Ensino Médio possuem grade curricular em que a disciplina Sociologia aparece apenas com uma aula na semana para cada série. Esse fato faz com que os professores de Sociologia busquem outras alternativas para completar a carga horária.

QUADRO - 5

<p>3. Qual é o livro utilizado na aula de Sociologia.</p>
<p>P: “Então, tem um livro da escola, mas eu não gosto dele porque ele é dividido em antropologia, sociologia e ciência política, aí não dá tempo. E assim, eu acho que o conteúdo de sociologia mesmo fica muito resumido. Aí eu trabalho com esses dois, que é o <i>Sociologia em movimento</i> e esse <i>Sociologia</i>, que ele é muito bom, gosto muito dos dois, aí eu fico, preparo minhas aulas baseada neles dois, faço ‘assim’ um resumo da melhor forma que der para mim, abordar os conteúdos. Também o conteúdo de sociologia a gente padece um pouco, eu acho que por um lado é bom mas por outro não porque a gente não tem o conteúdo que diga ‘assim’ esse é o conteúdo do primeiro ano, segundo, então vai depender muito do livro que a escola adota e o professor. Aí eu fico trabalhando assim de acordo com o que eu acho que é mais interessante para cada nível, para cada série”</p>
<p>R.S.: “Sociologia [Bridi, Motin], é um livro bastante didático. Interessante, achei ele bastante diversificado e bem dividido. Temos aqui doze capítulos nesse livro, então até para organização mesmo, eu dividi quatro capítulos para cada ano. Os primeiros quatro capítulos para o primeiro ano, os quatro seguintes para o segundo e os outros quatro para o terceiro ano. A primeira parte é mais introdução a Sociologia, para a gente ver mais como é a questão das instituições que a Sociologia trabalha. Um trabalho mais introdutório mesmo,</p>

quando se trata de primeiro ano, que nunca tiveram contato, porque não tem no ensino fundamental. Então achei interessante trabalhar esse aqui. Na segunda parte que é com o segundo ano, nós temos quatro capítulos, vamos trabalhar a questão das relações de trabalho nas sociedades capitalistas, damos uma frísada sobre os clássicos da sociologia, Max, Durkheim e Weber. A gente trabalha um pouco sobre cultura, o que significa. A questão da religião também, a importância da religião para nosso sistema social. Sempre pondo em foco a questão dos autores clássicos e alguns contemporâneos também. E aí no terceiro ano, nós temos como temáticas os movimentos sociais, a questão da educação como transformação do nosso meio social, questão da juventude, por fim, a questão da nossa relação com o meio ambiente. Então eu dividi esse material dessa forma para que a gente pudesse trabalhar e, vou ser muito franco com você, que não dá para trabalhar tudo. A gente tenta explorar as principais partes que está no livro até porque as aulas são curtíssimas e uma aula só por semana. E uma vez ou outra acontece de, digamos, um imprevisto, uma paralisação, algum evento na escola, e assim por diante.”

R.A.: “[...] O livro utilizado é ‘Sociologia para jovens do século XXI’, ele tem uma dinâmica muito boa de trabalhar”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

A terceira questão envolve a escolha do livro didático e o que o mesmo tem em relação ao ensino da Sociologia utilizando a pesquisa como estratégia de ensino. Dessa forma, como mencionado em capítulo anterior, percebemos que os livros didáticos da disciplina pouco ou nada discorrem sobre a pesquisa e seus aspectos fundamentais. Dos livros didáticos mencionados pelos entrevistados, dois deles, Sociologia em Movimento de diversos autores, e o Sociologia das autoras Bridi e Motim, são os que mais mencionam a pesquisa, sugerindo ou ainda como parte do tema de alguns dos capítulos.

Cada um destes livros didáticos possuem uma diferente abordagem para demonstrar a pesquisa, ora no decorrer do capítulo, sugerindo a pesquisa como estratégia que auxilie os educandos a pesquisarem o tema e proporcionar um melhor

entendimento, ou ora no final do capítulo, como forma de sintetizar o conhecimento adquirido do tema no capítulo.

Os três professores estavam ingressando nas referidas escolas para lecionarem no ano em que se deu a aplicação do questionário, ou seja, no ano de 2019 (dois mil e dezenove). Esse fato faz com que, como mencionado pela primeira professora, não tenha participado da escola do livro didático e, portanto, precisem buscar os livros didáticos que consideram mais adequados para sua didática em sala de aula. O que significa que o livro preterido do (a) professor (a) não seja o mesmo que foi escolhido pela escola.

QUADRO - 6

4. Costuma pesquisar livros ou outras fontes para as aulas de Sociologia.
P: “[...] esses dois livros [didáticos] estão me dando atualmente uma base boa porque o que que acontece, que eu acho que até você ia perguntar mais para a frente, mas é uma aula por semana e essa é a minha maior dificuldade, maior problema que eu enfrento. E então você tem que resumir o máximo possível, não dá para trazer muita coisa. Mas, eu utilizo muito a internet, eu pesquiso muitas páginas, sites.”
R.S: “Bom, no ensino médio, fontes didáticas eu não utilizo não. Eu utilizo mais no EJA. Eu vejo a EJA com mais flexibilidade até porque nós não temos material didático. A EJA não tem. Então eu pego muitos textos, e assim, como a gente recebe livros de diversas editoras para que a gente possa escolher para o próximo ano, eu fico utilizando esses materiais didáticos. Faço seleções de textos com as temáticas que eu posso trabalhar com essa modalidade. Durante o dia não, eu tenho até a vontade de fazer, mas como a correria é grande eu prefiro trabalhar exclusivamente com o material didático para que eu possa cumprir pelo menos com a minha tarefa dentro disto aqui. Mas particularmente, no momento, eu não estou trabalhando com material complementar não, didático, digamos. De dia não, estou trabalhando mais com o pessoal da noite.”
R: “Faço uso também de outros. Também do ensino médio. [...] tem uns aqui, que é o ‘Sociologia’ de Bridi, só que ele eu utilizo mais para algumas atividades complementares. O que utilizo em sala mesmo é esse aqui [Sociologia para

jovens do século XXI], até porque ele tem uma abordagem que dá para fazer um paralelo com a escola técnica. Aqui é como se fosse um pré-requisito, também fazer uma combinação entre a base curricular e a escola técnica para que os conteúdos curriculares tentem ter uma resposta em comum” “eu sempre indico [...] sites, algumas vídeo aulas no Youtube, tem uns que são muito interessantes, e eu gosto de utilizar também em sala de aula mapas mentais porque eles tem uma visibilidade maior e fica dinâmico, eles [educandos] observarem o conteúdo e começarem a trabalhar a partir daqueles tópicos“

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Os professores entrevistados, como podemos perceber acima, possuem a estratégia de diversificar suas fontes para pesquisa e ensino para as aulas de Sociologia no Ensino Médio, seja outros livros didáticos ou fontes da Internet. Os mesmos relatam que reconhecem a incompletude dos livros didáticos na área das Ciências Sociais e mencionam a dificuldade que possuem por lecionarem em apenas uma aula por semana para cada turma.

Além disso, para a modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA), não há um material específico para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio, como menciona um dos entrevistados. As dificuldades começam a aparecer tanto na escolha do livro didático quanto nas escolhas para com as bibliografias diversificadas. Pois, além de não estarem presentes no momento da escolha do livro didático a ser adotado no referido ano letivo, também não possuem uma base a se referenciar, como mencionado pelo professor que leciona no EJA, na qual não possui se quer material didático qualquer para que seja ofertada a disciplina. O mesmo professor que leciona em três escolas, nesse caso, precisa construir a Sociologia por si.

QUADRO - 7

<p>5. Em relação a metodologia, quais tipos costuma utilizar.</p>
<p>P: “Atualmente, por conta da questão de horário, de carga horaria, eu estou utilizando mais a metodologia de aula expositiva dialogada. Promovo sempre o diálogo, mas não dá tempo de trazer outros recursos. Como a gente tem a sala de vídeo, de informática, tem TV para utilizar vídeo mas não dá tempo porque a gente tem o Sistema Saber que tem que ser alimentado a cada aula, fazer a frequência porque a gente é cobrado nesse sentido e dá tempo ainda do conteúdo em quarenta e poucos minutos, então é praticamente impossível utilizar outro recurso, então geralmente está sendo a aula expositiva dialogada.” “50” (minutos por aula) “eles fazem rodizio de sala, então chega na sala ainda vai ter uns cinco minutos para eles irem chegando e se acomodando”</p>
<p>R.S.: “Gosto que o aluno fale. Gosto bastante que o aluno participe. Gosto muito da questão do diálogo porque nós temos um problema, muitas vezes os alunos pensam que o professor que sabe ministrar uma aula é o professor que fala muito. Mas eu gosto que os alunos leiam o texto, interpretem e participem das aulas porque é um espaço democrático. E falo muito isso a eles: ‘gente, isso é um espaço democrático que vocês podem falar à vontade, aqui é onde vocês têm vez e voz’. Então gosto bastante de fazer aula expositiva e dialogada, sempre com esse espaço democrático para a fala.”</p>
<p>R.: “As aulas de Sociologia, como é só uma aula por semana, as vezes é um pouco corrido. Mas, tento ao máximo, não permanecer na mesmice porque aula expositiva, às vezes, fica cansativo para eles, até porque é uma disciplina nova para muitos. Eu faço uso de vídeos, levo eles [educandos] para o laboratório de informática, pesquisas aqui na biblioteca apesar dos livros ainda ser um pouco escassos na área, mas sempre que posso eu faço com eles [educandos]. A produção de mapas mentais, a ideia deles [educandos] visualizarem, charges, documentários, filmes, para que o questionamento crítico seja possibilitado. Para que eles ampliem a ideia de ser um cidadão atuante.”</p>

Quanto a metodologia utilizada para o ensino da Sociologia enquanto disciplina do Ensino Médio, os professores relatam que em sua prática docente a aula expositiva

e dialogada é o método com o qual mais trabalham. Pouco aparece enquanto metodologias diversificadas, mais especificamente, sobre a pesquisa enquanto estratégia de ensino.

O tipo de pesquisa que toma destaque é a pesquisa bibliográfica, seja em laboratórios de informática ou a própria biblioteca das escolas. Ainda assim, a utilização de instrumentos como os computadores e utilização dos espaços como biblioteca e laboratórios, mencionados pelos (as) professores (as) é, a partir da fala dos (as) professores (as), bastante dificultoso devido ao pouco tempo em que é destinado à Sociologia no ensino médio. Ou ainda a própria dificuldade em ter acesso a esses instrumentos e espaços no ambiente escolar.

QUADRO – 8

6. Opinião a respeito da pesquisa como estratégia das Ciências Sociais. Expor seu entendimento.

P: “Eu sou apaixonada por pesquisa porque desde a graduação eu fiz parte do PIBIC. Acho muito importante não só para a gente [estudante do ensino superior] mas iniciar a iniciação científica também no ensino médio porque esses alunos vão chegar em uma universidade, você [entrevistadora] é universitária, você sabe que quando a gente chega, a gente sente uma deficiência porque não existe na graduação disciplinas que nos preparem para pesquisa científica, não é mesmo? Você vai aprendendo na prática, né? E eu acho interessante, os alunos que querem entrar na universidade. É tanto que meu projeto de Mestres da Educação, ele vai trabalhar gênero e violência porque a escola como um todo está trabalhando o tema da violência, e aí como eu gosto de trabalhar com gênero, acho importante, mas a partir do viés da pesquisa científica, de introdução de noções de pesquisa, do básico para eles, para que consigam entender um gráfico, uma tabela, tenham noções básicas e cheguem na universidade entendendo pelo menos o básico. Mas aí, é como te disse, a questão de oportunidade e tempo. Eu estou utilizando uma aula e está sendo só com uma turma que eu estou utilizando a aula de estudo orientado, para ao mesmo tempo que eu passo técnicas de estudos, de leitura, eu aplico o projeto dos mestres. Mas é essa questão, você entende a importância de muitas coisas, mas tem como, na prática, por questão de tempo, de aplicar.”

R.S.: “A pesquisa é essencial no campo das Ciências Sociais. Falo pesquisa tanto no campo empírico quanto no campo teórico. Sem a pesquisa, eu acredito, as Ciências Sociais não tem como caminhar porque a Sociologia estuda nosso próprio meio social e a gente tem que acompanhar o movimento da sociedade, a sociedade está sempre em movimento. É tanto que a geração de hoje não será a mesma de amanhã. A de hoje não é igual a do meu tempo. Então a sociedade está sempre em movimento, para isso, tem que haver a pesquisa no campo das Ciências Sociais e tem de haver, principalmente, investimento para que pessoas possam pesquisar. A gente sabe que o nosso momento atual, não é um momento nada legal, nosso momento político e social, para todos os brasileiros e específico para no campo das Ciências Sociais. Desculpa, está no contexto também, fico até um pouco atordoado porque me vejo a cada dia que passa como professor de Sociologia, como se fosse perseguido principalmente pelas questões governamentais. E a falta de políticas públicas voltadas para nossa área. Fico imaginando, por exemplo, que o pessoal que está entrando hoje em dia no curso, na graduação, que está no primeiro, segundo período, está fazendo um curso de licenciatura para a área de Ciências Sociais e aí não existe uma perspectiva, digamos, de ampliação, aliás, realmente a consolidação da disciplina no ensino médio. Então é interessante que a gente faça pesquisa em todas as Ciências Sociais, inclusive, no campo educacional mesmo. É interessante que façam pesquisas, que as pesquisas sejam realizadas, para que a gente possa realmente, digamos, resistir a isso ‘aí’. Então a gente não pode abaixar a cabeça para certas medidas que estão sendo tomadas pelo governo federal. E digo, novamente, que a pesquisa é um instrumento de resistência da nossa área, tanto como profissionais como indivíduos.”

R.: “Eu acho maravilhoso. Acho que é uma possibilidade de crescimento na área, que principalmente os mais jovens, que vão ter acesso com as Ciências Sociais como um todo, eles [educandos] perceberam a importância do que é estar em comunidade, em coletividade, porque a partir do momento em que você percebe a responsabilidade que tem, começa a visualizar o seu lugarzinho no mundo e o que você pode fazer com isso. Eu acho que a pesquisa é uma forma de praticar, de fato, essa possibilidade [...]”

A opinião dos professores em relação à pesquisa nas Ciências Sociais aborda a importância da mesma para os educandos ainda no ensino médio, para que se familiarizem com o universo metodológico da pesquisa. Podemos perceber que os professores sentem dificuldade em utilizar a pesquisa como estratégia para o ensino de Sociologia no ensino médio, acabam por pouco utilizá-la ou ainda a utilizam em outras disciplinas, como no caso das diversificadas nas Escolas Cidadãs. O desprestígio que é dado tanto para as Ciências Sociais como para a pesquisa científica é percebido ainda no ensino médio. Nesse caso, os professores relatam que questões políticas dificultam ou pouco fazem pela disciplina no ensino médio.

Dessa forma, como relatam os (as) professores (as), o próprio ingresso no ensino superior demonstra ser um desafio para os alunos, pois, naquele espaço terão contato com a pesquisa científica como nunca antes tiveram em sua formação. Ainda nesse sentido, o professor Rodrigo, defende a pesquisa enquanto estratégia didática na aula de Sociologia, a pesquisa como instrumento das Ciências Sociais, como um ato de resistência, um ato a favor da Sociologia. Segundo o professor, existem pouca ou nenhuma política pública direcionada que seja interessada em investir e incentivar a pesquisa científica no meio acadêmico superior ou ainda no ensino médio.

QUADRO - 9

7. A escola costuma proporcionar momentos de pesquisa?
P: “Não houve feira de ciências, mas a gente utiliza duas aulas que são na segunda feira, de eletiva. Mas está sempre preso a um tema, um projeto que o professor está trabalhando. Dependendo da eletiva, da disciplina, aí o professor pensa. Geralmente está acontecendo dentro dessas aulas”
R.S.: “Eu estou chegando na escola, desde o mês de fevereiro para março, estou me envolvendo agora com a questão política pedagógica do ambiente escolar. Nós estamos passando por um problema que é bastante agudo aqui na nossa unidade escolar, nós estamos sem direção, sem diretor. A escola está passando por um problema administrativo muito forte. Até porque o governo do estado acabou com o cargo de diretor, deixando que os cargos, dos diretores sejam nomeados através de ‘conchavos’ políticos. E isso

desestabiliza todas as unidades escolares. Eu tenho a impressão que isso é feito de modo, digamos, proposital para desestabilizar mesmo a escola até o momento em que haverá um sucateamento, não só no ensino público secundário, mas também nas escolas regulares. A gente vê que o governo do estado investe mais nas escolas cidadãos integrais. Você pode chegar em qualquer escola, as quais eu conheço, não sei se são todas, mas essas escolas existem gestores, diretores e todo acompanhamento pedagógico, e no caso [da escola], nós as coordenadoras pedagógicas, que até que funciona, mas nosso grande problema é administrativo. No entanto, na questão da pesquisa, há envolvimento sim, por exemplo, dos professores, uma vez ou outra a gente chama o professor de outra área para que a gente possa dialogar, possa fazer projetos, onde envolvam toda a unidade escolar. Por exemplo, esses dias vai haver uma palestra sobre o movimento negro, na escola. Era para ter acontecido na semana do estudante, só que o palestrante não pode vir então foi adiada. Não lembro exatamente qual foi a data. Mas todo mundo se envolve. Quem está organizando é o professor de história e que convidou o palestrante, mas todos nós participamos, cobramos dos alunos participem, cobramos dos alunos que façam relatórios dessas atividades. E é mais ou menos por aí”

R.: “Sim. Nós fazemos, posso falar especificamente para a minha disciplina. Em Sociologia no primeiro ano eu estou começando a trabalhar com eles [educandos], o que não é uma proposta exatamente para o primeiro ano, mas aos poucos eu começo a colocar na realidade deles [educandos] de tentar pesquisar, nem que seja mínima sobre algum grupo social, algum contexto relacionado com os teóricos que são trabalhados no primeiro ano, para eles visualizarem. Mas a escola também faz feira de ciências, gincana que é uma possibilidade deles [educandos] praticarem a ideia da pesquisa. [...]”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Os professores entrevistados relatam que a escola pouco incentiva os momentos de socialização da disciplina Sociologia, através de feiras, encontros, entre outras modalidades. No entanto, apontam que a disciplina é abordada em outros momentos de maneira interdisciplinar.

Com as repostas que obtivemos até aqui podemos perceber o que Demo (2015) discorre sobre a importância do envolvimento da escola e comunidade escolar no sentido de incentivar a realização da pesquisa. O autor diz que é necessário que haja uma alteração na grade curricular escolar para que comporte o incentivo a pesquisa na aula de Sociologia. Podemos observar através dos entrevistados que o espaço reservado para a Sociologia é pouco e dificulta qualquer metodologia diferenciada que exija dedicação e possa auxiliar os educandos na construção do conhecimento.

Outro ponto em que as respostas dos (das) professores (as) que dialoga com a teoria disposta nesse trabalho, é que Pedro Demo (2015), aponta para a necessidade de uma estrutura que seja adequada para possibilitar e incentivar a prática da pesquisa. No entanto, o professor Rodrigo menciona que a escola em que leciona passa por grandes problemas, inclusive, de ordem de gestão escolar. A escola não possui sequer diretor (a). Mais um aspecto interessante em sua resposta é que o mesmo aponta para o fato de que o governo vem investindo mais nas novas propostas de ensino médio, ou seja, as escolas cidadãs integrais e escolas cidadãs integrais técnicas.

Como pudemos acompanhar no início deste trabalho, são as novas propostas de ensino médio que chamam a atenção para a construção e reforma na estrutura das escolas para que possam adaptar o ensino integral. Nesse caso, as escolas cidadãs receberam grande incentivo financeiro para sua modernização, se encontram com melhores condições estruturais físicas e melhor quadro profissional, entre outros aspectos positivos, em detrimento as antigas escolas de ensino regular.

QUADRO - 10

8. Opinião a respeito da pesquisa como estratégia na aula de Sociologia no Ensino Médio.

P: “É o que pensei no projeto do Mestres. Eu estou aproveitando para trazer a pesquisa, noções de pesquisa, de modo que eles consigam entender a sociologia no dia a dia deles, pensarem como a pesquisa é importante para entender a comunidade, a realidade escolar deles. Unindo a pesquisa com a vivência, com a base deles, com o dia a dia.”

R.S.: “[...] a pesquisa é um fator fundamental para a resistência das ciências sociais, então a pesquisa tem que ser feita no campo das Ciências Sociais, independente se for no campo educacional, das instituições. É tanto que os governos tem que priorizar, tem que fazer políticas públicas para que a pesquisa exista no campo educacional, para que a gente possa desenvolver a nossa disciplina. Falo enquanto professor. Tenho meu mestrado em Ciências Sociais, atualmente não estou fazendo pesquisas nesse campo até porque as condições não são favoráveis para nós professores, mas eu pretendo voltar para a universidade, fazer doutorado. Mas a pesquisa, em si, em um fator mais amplo, é de extrema importância até para a melhora do nosso ensino e que a gente consiga realmente consolidar nossa disciplina. Também ampliar nossa carga horária por turma. Porque eu só vejo as turmas, por exemplo, uma vez por semana. Imagine se fossem duas aulas, seria muito mais produtivo. Mas a pesquisa é importante também para o campo pedagógico e sociológico.”

R.: “Isso eu realmente já faço. No primeiro ano, no início mesmo, é uma base para eles visualizarem o que pode ser feito. No segundo ano, eu proponho para eles praticarem de fato, por exemplo, em um dos temas sobre cultura eles poderiam escolher, divididos em grupos, um grupo social, étnico, poderia ser sobre outro contexto e eles iam fazer uma pesquisa que teria que ser com uma base de pesquisa de fato, eles iam fazer questionário, eles iam entrevistar as pessoas do grupo que escolher, poderia ser filmado, poderia ser gravado, e eles fariam a apresentação. Já é uma ideia também para eles começarem a perceber como ela pode ser feita, falar sobre as dificuldades, inclusive, alguns comentaram que umas pessoas que foram entrevistadas não quiseram ser gravadas, e tudo mais. [...]”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

O reconhecimento da importância da pesquisa enquanto estratégia de ensino na disciplina de Sociologia no Ensino Médio é aparente em todas as respostas obtidas dos entrevistados. Os professores relatam que buscam incluir a pesquisa nas aulas de Sociologia ou na disciplina diversificada na qual lecionam. Noções de pesquisa ou até mesmo pesquisas de campo com apoio de questionários são mencionados. Outra questão aparente é a carga horária, reconhecida como insuficiente pelos entrevistados.

Um aspecto interessante que aparece desde os primeiros marcos normativos, livros didáticos da disciplina, é que embora a pesquisa ocupe um espaço relevante, a mesma, não encontra espaço na realidade escolar. O professor Rodrigo mais uma vez menciona que a pesquisa é um ato de resistência das Ciências Sociais, ainda para que possa se desenvolver e estabelecer enquanto disciplina, enquanto ciência.

Nesse momento do questionário, o professor Rodrigo e em outros momentos as professoras também sugerem que existe em suas mentalidades a separação entre pesquisador e professor, entre licenciatura e bacharelado. É o que podemos perceber quando Rodrigo responde que não está pesquisando atualmente devido as condições, porém pretende adentrar em um doutorado para que então possa realizar pesquisas. No entanto, Pedro Demo (2015), chama atenção para a atitude de um professor pesquisador, aquele individuo que une em uma só prática o ato de ensinar e o ato de pesquisar, de aprender pesquisando e pesquisando para ensinar.

QUADRO - 11

<p>9. Costuma utilizar a pesquisa como estratégia. Quais tipos e em quais momentos.</p>
<p>P: “Eu estou começando a ensinar agora. Eu ensinei quatro meses em Arueiras, e passei agora nessa seleção para a escola cidadã e estou começando agora esse ano. Então esse ano eu ainda não tive oportunidade de utilizar a pesquisa científica com as minhas turmas. Estou começando agora com uma turma, que é o que eu te falei do projeto, que é uma turma que eu tenho que não é nem de sociologia, a turma é de estudo orientado. A gente tem essa disciplina na escola cidadã. Então eu estou começando, mas aproveitando para trazer o foco para a sociologia. Porque, como eu te falei, eu acho muito importante e até acho melhor o ensino-aprendizagem mesmo, através do estudo da pesquisa. E a pesquisa sobre gênero e violência, a gente vai pensar as diferentes modalidades de violência e eu vou fazer uma pesquisa com eles aqui da escola. Mas nesse caso, por conta do tempo e porque eles estão iniciando ainda, vai ser uma pesquisa de caráter quantitativo. Mas fora da escola, nas minhas pesquisas, eu prefiro a pesquisa qualitativa, é a que sempre utilizo, na verdade.”</p>
<p>R.S.: “No campo pedagógico, com os alunos, a pesquisa, eu utilizo, geralmente, fontes que eles veem. Por exemplo, eu estou dando aula sobre</p>

etnocentrismo, a gente fala sobre preconceito, peço para eles assistirem um filme, o que você pode perceber como um comportamento etnocêntrico, em uma novela, um jornal, um discurso político na Internet, no Instagram. Então, as fontes de pesquisas são inúmeras e quando falo para os alunos, a parte didática é importante, mas também a parte tecnológica. Falo na questão da prática de ensino. É interessante que a gente possa passar para eles, para os alunos, a importância da pesquisa, como ela é produtiva para nosso meio social e o meio de aprendizagem.”

R.: “No segundo ano, no primeiro bimestre eles tem que ver a teoria de fato, no segundo bimestre que foi feito essa pesquisa e que foi apresentada por eles em sala de aula. E no primeiro ano, possivelmente, eu vou tentar com eles agora no final do terceiro e início do quarto, só que não vai ser tão ampla, como no segundo ano, pois eles estão começando a ter contato [...], mas a ideia é que eles [educandos] possam visualizar como pode ser feito, para tirar dúvidas e expor a opinião”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Os professores entrevistados relatam que possuem dificuldades, como o pouco tempo que é disponibilizado para a disciplina de Sociologia na grade curricular do Ensino Médio para que, então, possam trabalhar com a pesquisa enquanto estratégia. É válido mencionar que as propostas do Ensino Médio em tempo integral estão sendo implementadas há pouco tempo, como podemos perceber a partir do que foi apresentado em capítulo anterior. Os entrevistados relatam que lecionam recentemente nessas escolas e não possuem experiências suficientes com a pesquisa no ensino da Sociologia. No entanto, em pouco tempo, descrevem que buscam proporcionar aos educandos a introdução à pesquisa, seus conceitos e práticas.

É interessante destacar a experiência da nossa terceira entrevistada que, lecionando em Escola Cidadã Integral Técnica, descreve como inclui os educandos, paulatinamente à pesquisa, partindo da teoria para a prática. A professora relata que no primeiro ano do Ensino Médio, busca introduzir os educandos com teoria e pesquisas pouco extensas para que se habituem e assim possam progressivamente,

com o avançar dos anos, ter experiências com a pesquisa a fim de conhecerem a ciência Sociologia e suas práticas.

Nesse sentido, Demo (2015), demonstra em seus escritos a importância de os (as) professores (as) unirem a teoria e prática para que assim possam oferecer aos seus educandos uma qualidade e aprofundamento da Sociologia enquanto ciência, para que possam servir de exemplo. Como mencionado em capítulo anterior, essa abordagem é primordial para que os educandos possam refletir sobre a sua realidade enxergando a partir do olhar sociológico.

QUADRO - 12

<p>10. Qual é a modalidade de pesquisa predileta e qual motivo.</p>
<p>P: “Qualitativa, porque eu acho que nas ciências sociais a gente geralmente usa a pesquisa qualitativa porque ela abrange coisas que a pesquisa quantitativa não dá conta, né? Embora utilizamos também a quantitativa, mas mais no sentido de dar suporte, de embasar mesmo a pesquisa. Mas eu sempre utilizo a pesquisa de caráter qualitativo, não tem como você trabalhar gênero, trabalhar religião baseado numa pesquisa quantitativa, é muito limitado”. “Se eu tivesse tempo, eu acho interessante a quanti-qualitativa que você trabalha as duas coisas ao mesmo tempo, até mesmo se eles estão sendo iniciados na pesquisa científica, para eles terem a oportunidade de conhecer as duas. Eu adoraria ter tempo.” “Se fosse possível sim, mas até para conseguir uma viagem, que a gente está tentando, é muito difícil tirar eles [educandos] da escola requer uma burocracia, uma coisa que acaba dificultando muito”</p>
<p>R.S.: “Bom, minha formação é em Antropologia, então eu fiz bastante pesquisa de campo e teve também a minha graduação. Então a minha área é mais voltada para a questão das relações culturais, então trabalho de campo é muito gostoso de fazer, apesar de ser trabalhoso, mas é uma área muito envolvente. Sempre um desafio. A gente nunca sabe quem está nos esperando, aliás, ninguém está nos esperando. Nós vamos até lá para conversar, para conhecer, e a gente nunca sabe quem vai estar do outro lado. É um exercício de aprendizagem bastante interessante. É o que envolve, realmente, no campo da pesquisa.” Com os alunos [...] “Sim, utilizaria, mas o problema todo</p>

é a questão são os recursos que a gente não tem para realizar essas pesquisas. Então, por exemplo, eu tenho vontade de ‘pegar’ os alunos e levar para a Praça da Bandeira para fazer uma pesquisa sobre aquele ambiente, mas infelizmente, a idade deles, não é legal levar alunos para um lugar para pesquisar, como no centro da cidade, em um bairro. Fico com um pouco de receio por conta da questão da responsabilidade enquanto professor. Mas é muito importante.”

R.: “Não sei, acho que depende muito do que está propondo no momento. Acho que qualquer pesquisa ela tem que ser, para mim, [...] associada com o tema que vai ser estudado. Acho que dependendo do tema é que você vai fazer um aprofundamento maior. Acho que nesse momento eu não saberei dizer qual seria. Mas o que motiva muito é o resultado que pode dar, como aquilo pode ser visualizado e o que vai ser gerado. [...]”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

A partir da questão acima, podemos refletir sobre o papel dos professores enquanto pesquisadores. A predileção dos professores por determinadas modalidades de pesquisa, metodologias, indicam o perfil do pesquisador. De acordo com as respostas obtidas, os professores enquanto pesquisadores preferem a pesquisa qualitativa, embora não descartem a pesquisa quantitativa ou ainda utilizarem a abordagem quanti-qualitativa.

Vale a pena lembrar que todos entrevistados tiveram contato com a pesquisa durante a graduação e dois deles possuem pós-graduação. Com isso, entendemos que aprofundaram suas pesquisas e suas capacidades como pesquisadores, no sentido acadêmico.

Demo (2015), relata sobre a importância de os professores serem ainda pesquisadores, que pratiquem a ciência, ainda que em âmbito restrito de determinada área de conhecimento, ainda que lecionem em nível médio. Como mencionado anteriormente, essa união entre a postura docente e postura do pesquisador é de suma importância para que o educando possa tê-lo como exemplo.

O professor “ideal” para o modelo de ensino e aprendizagem que Pedro Demo discorre, é aquele que busca qualificar-se, busca manter-se em constante

aprendizado e possa estar preparado para orientar seus alunos em quaisquer que sejam as áreas científicas ou propostas metodológicas.

Os professores que relatam dificuldades no sentido burocrático para empenhar uma pesquisa de campo com os educandos, devem, nesse caso, contornar esse obstáculo. A Sociologia e seus objetos de estudo estão ao redor do educando, estão no seu dia a dia. O próprio educando é objeto de estudo, a escola, os grupos sociais que ali se encontram, as divisões de trabalho existentes no ambiente escolar, na família.

QUADRO - 13

<p>11. Qual dificuldade enfrenta que envolve a pesquisa como estratégia na aula de Sociologia.</p>
<p>P: “A principal dificuldade que eu encontro hoje é a questão da limitação de tempo, da carga horaria que é destinada a sociologia, a filosofia, que eu leciono filosofia aqui também. A questão do tempo, principalmente. E da ideia do senso comum que circula da não importância que é dada a disciplina. Mesmo os alunos que estão começando agora a conhecer a disciplina, como os alunos do primeiro ano, mas eles já chegam com essa ideia de que a disciplina não reprova, que é menos importante, que não tem importância para que eles ingressem na universidade ou no mercado de trabalho. Então tem que desconstruir toda essa ideia, é complicado. E eu acho que a pesquisa científica, se houvesse possibilidade de aplicar de fato, seria interessante até para que eles vejam a importância da disciplina para pensar o social deles através da pesquisa, principalmente a sociologia que é tão importante para a gente pensar esses fatos da nossa sociedade, coisas que eles se deparam do dia a dia, como violência ou até pensar questão eleitoral, tudo. A sociologia está ligada intimamente com a pesquisa. Eu acho que se a gente fosse dizer uma disciplina que mais está ligada as pesquisas que são utilizadas na sociedade geral, eu diria que é a sociologia.”</p>
<p>R.S.: “Justamente a questão da responsabilidade enquanto professores com os alunos que são menores de idade. Eu acredito que no campo acadêmico seja mais amplo porque nós estamos trabalhando com pessoas adultas. Como nós estamos trabalhando com jovens é um pouco mais complicado. Até porque</p>

nós não temos tanto recurso para que existam pesquisas. Não há incentivo do governo do estado para que as pesquisas se desenvolvam no ambiente escolar. Até porque, também, nosso espaço é muito limitado. A principal reclamação que eu faço enquanto profissional de Sociologia, de professor de Sociologia nas escolas, é justamente a limitação de tempo. Por que, tudo o que a gente faz e chega na sala, tem que fazer chamada, tem que ministrar aula, tem que ter a parte pedagógica, o aluno tem que produzir. E eu tenho que dar o conteúdo, tenho que dar conta de tudo. Então, por exemplo, chegar em uma sala de aula onde a aula tem 45 minutos, aí mudo de uma sala para outra, hoje tenho seis aulas, saio de uma aula para a outra e só paro no intervalo, chego na sala, acho que são uns dez minutos para o pessoal se tranquilizar, são adolescentes, os hormônios a flor da pele, quando vou realmente começar a dar aula, quando a gente começa a se envolver, 'toca', a aula acaba e eu já vou para outra sala. Então as condições elas não são tão favoráveis para a gente não." "Nas escolas regulares, nós professores é que vamos para as turmas. Por exemplo, turma do primeiro A, B, C, D, nós vamos para as salas de aulas desses alunos. Diferente das escolas cidadãos integrais que os alunos vão até as salas das disciplinas. São 45 minutos de aula de dia e a noite são 30 minutos. Uma aula por semana."

R.: "Acho que, talvez, uma das maiores dificuldades para quem é professor de Sociologia é porque é apenas uma aula por semana. As vezes fica um pouco corrido de trabalhar o que você estuda, organiza para ser trabalhado em sala de aula, especificamente. [...]"

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Quando questionados especificamente sobre as dificuldades em que se deparam quando o assunto é pesquisa enquanto estratégia na aula de Sociologia do ensino médio, os entrevistados mencionam a limitação do tempo de carga horária destinada a Sociologia, sendo a principal reclamação dos mesmos.

Além do pouco tempo disponibilizado para a disciplina, ocorre que há apenas uma aula por semana. Pode-se perceber que a limitação do tempo é razão para que os professores não se aprofundem em metodologias diversificadas para suas aulas.

Outra dificuldade é a pouca importância que é dada para a disciplina fazendo com que os educandos não a considerem como uma disciplina importante para sua formação. Outro aspecto levantado nas respostas obtidas é que a faixa etária dos educandos dificulta, por exemplo, pesquisas de campo. E ainda, a dificuldade com o pouco incentivo que se obtêm ou recurso financeiro para a realização da pesquisa.

QUADRO - 14

12. Opinião sobre o papel da pesquisa para o professor de Sociologia para sua prática.
P: “Eu acredito que enquanto professor, a gente deve estar sempre pesquisando, não só no que diz respeito a nossa formação, que é continuada, relacionada aos nossos estudos pessoais, fora da escola, mas também no sentido de aprimoramento para estar em sala de aula. Estar sempre se atualizando, nesse sentido.”
R.S.: “O professor tem que pesquisar, ele tem que procurar pesquisa. Fazer pesquisa de campo, pesquisa teórica, didática. Até porque a gente tem que, digamos, se atualizar. Principalmente a gente que trabalha com jovem. O jovem quer coisas novas, quer que a gente esteja conectado com o mundo contemporâneo. Hoje em dia, a gente tem que estar ‘ligado’ com tudo. A gente tem que saber mais ou menos decifrar, decodificar, a linguagem deles. De toda forma, nós professores no geral, nós somos pesquisadores porque nós sempre estamos envolvidos nesse ambiente e nós sempre tentamos escuta-los, então a gente escuta eles para que a gente possa tentar trabalhar com eles de forma didática, de forma pedagógica. Agora, para isso, a gente tem que correr atrás, a gente tem que pesquisar, a gente tem que assistir um filme, alguma coisa, para trazer informação para a garotada.”
R.: “Eu acho que poderia ser maior o incentivo mas acho que na nossa realidade, hoje, é um pouco complicada de ser colocada em prática, mas eu acho a pesquisa em qualquer área, ou no ensino médio ou fundamental, ou universitário, ela tem que ser uma prática, tem que ser incentivada.”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

As respostas obtidas sobre a opinião dos professores em relação ao significado da pesquisa para sua prática docente, pode nos dizer que os professores reconhecem

a importância da pesquisa para a aula de Sociologia no ensino médio, porém pouco encontram incentivo para isso. A partir disso, podemos entender que, a realidade escolar na qual se encontram os entrevistados, os afasta de qualquer possibilidade de pesquisa aprofundada, seja a pesquisa que prepara suas aulas ou pesquisa em sala de aula, junto com os educandos.

Essa realidade entra em conflito com o que esperam os marcos normativos e os livros didáticos da disciplina, por exemplo. Embora os (as) professores (as) concordem sobre a importância do (a) professor (a) manter postura de pesquisar para qualificar sua prática, se deparam com as dificuldades já mencionadas como pouco incentivo, espaço e importância para a disciplina. A realidade que os graduandos do curso de Ciências Sociais vão encontrar ainda na graduação através da grade curricular, em estágios e depois de sua formação, a realidade dos professores da disciplina de Sociologia no ensino médio é de que a pesquisa não é propriamente uma estratégia didática priorizada no ensino médio.

QUADRO - 15

13. Opinião sobre a pesquisa e o processo de ensino e de aprendizagem.
P: “[...] ela é importante tanto para que a gente se prepare para dar aula mas também no sentido de mostrar a importância da disciplina, de mostrar que a disciplina vai trabalhar com a realidade social do aluno, então, é importante que ele conheça essa realidade social e que ele tenha oportunidade de pesquisar essa realidade social para entender como ela é feita, como é estudada através das pesquisas”
R.S.: “Todo mundo tem que pesquisar. Quem estuda, quem está em um processo de formação tem que pesquisar. Como é que a gente vai descobrir, como é que a gente vai questionar? Então, a gente sabe que a pesquisa é importante, independente de qual área seja, e na área de sociologia ela não é diferente. A gente tem que provocar os alunos para que eles corram atrás, para que eles pesquisem, procurem. A gente tem que dar algumas dicas para que eles procurem informações complementares. É como disse, como o tempo é bastante limitado, acredito que a maior parte do aprendizado do aluno é em casa, não na escola. Nós somos orientadores. O professor é um orientador. Eu estou aqui apenas dando dicas, inclusive, aprendo bastante com eles. Cada dia que passa a gente vai aprendendo. E aí, a gente vai dando dicas

para que eles pesquisem, procurem, para que possa enriquecer esse momento que é ímpar. Encontro do professor com o aluno em sala de aula é imprescindível, é fantástico. Mas para que isso exista, claro, de forma produtiva, tanto o professor quanto o aluno têm que buscar informações, pesquisar, planejar.”

R: “Nosso caso aqui, nós temos uma ideia deles [educandos] colocarem em prática, porque como é um curso técnico que eles fazem em paralelo com a base curricular comum, então é uma forma deles também serem inseridos no mercado de trabalho. Então, no curso técnico eles já fazem uma associação da ideia de pesquisa. Nós alinhamos essa ideia das disciplinas, não só das Ciências Humanas, mas das outras áreas, de fazer a pesquisa sempre que for possível. As vezes uma eletiva é proposta para fazer ou um clube que eles têm a ideia de fazer. [...]”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

A partir das respostas obtidas na décima terceira questão podemos perceber que os professores enfatizam que a pesquisa e o processo de ensino e aprendizagem não acontece somente no momento em que se encontram na sala de aula. Tanto professor quanto educandos deve utilizar a pesquisa a seu favor, a favor da construção do conhecimento, que pode ser encontrado dentro e fora da sala de aula.

Como um dos entrevistados apontou, professor é orientador. Nesse sentido, Demo (2015), discorre que além de professores somos também orientadores do processo de aprendizagem. Trata-se de preparar os educandos para serem autores, protagonistas, do próprio conhecimento. O educando toma para si a autonomia de pesquisar e construir o conhecimento, seja no campo da Sociologia ou outra disciplina escolar.

A intenção é fazer que o educando adquira essa autonomia para si, de forma a empregar seus conhecimentos metodológicos para o ambiente acadêmico ou do trabalho que exercer após a conclusão dos seus estudos. O conhecimento se renova, portanto, professores e educandos devem se renovar continuamente.

Podemos perceber que no caso de Roberta, professora da Escola Cidadã Integral Técnica, a pesquisa é incentivada principalmente por fazer parte da política do modelo de ensino médio e técnico. Nesse sentido, os professores e educandos

precisam atrelar a teoria e a prática, nesse caso, a teoria sociológica com a pesquisa científica.

QUADRO - 16

14. Enquanto aluno (a), teve Sociologia no Ensino Médio.
P: “Não tive aula de sociologia durante o ensino médio”
R.S.: “Não, não tive porque eu concluí em 2005, não lembro exatamente. Na época não existia a Sociologia no ensino médio. Tinha sido retirada da grade curricular no período da ditadura militar e retornou por meados de 2009. Então infelizmente, não tive. Agora, eu tive uma disciplina, não era bem a Sociologia, não lembro mais o nome, porque eu cursei supletivo. Uma parte do ensino médio a noite porque eu estava procurando emprego na época, mas era uma disciplina, não lembro a nomenclatura, mas trabalhava um pouco sobre a questão da cidadania. Era uma mistura de Sociologia com Filosofia, cuja nomenclatura eu não lembro. Gostava bastante de História quando fazia o ensino médio e aí foi me despertando o interesse pela área da pesquisa, da questão do conhecimento no nosso sistema social. E aí foi que eu cheguei na universidade em 2006, na graduação em Ciências Sociais.”
R.: “Eu tive só no terceiro ano, se não me falha a memória. Apesar de que no ensino fundamental, na oitava ou nono ano, eu tive aula de Sociologia, mas não me lembro se a professora era formada em Ciências Sociais ou Sociologia.”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Como podemos observar na questão acima, a experiência dos entrevistados com a Sociologia durante sua passagem no ensino médio, foi pouca ou nenhuma.

Excetuando uma das entrevistadas, os demais não tiveram contato com a disciplina. Algumas disciplinas tocam em assuntos pertinentes a Sociologia, porém, na época em que os entrevistados estudaram, a mesma não fazia parte da grade curricular escolar. Dessa forma, podemos observar que os entrevistados pouco tiveram de experiência com a pesquisa, na disciplina de Sociologia, enquanto cursavam o ensino médio.

E como mencionado nas primeiras questões, a ausência de pesquisa, de aprendizado científico e metodológico ainda no ensino médio, na educação básica, projeta dificuldades para aqueles educandos que ingressarem no ensino superior, seja

no curso de Ciências Sociais ou quaisquer cursos superiores. Visto que a intenção é que a pesquisa incentive que o educando aprenda a aprender, pesquise para aprender melhor. Até mesmo para aqueles que ingressarem logo no mercado de trabalho. O educando que se apropria adequadamente da autonomia de aprender como autor, poderá adaptar e se posicionar diante das mudanças e desafios que ocorrerem no campo acadêmico ou profissional.

QUADRO - 17

<p>15. Enquanto aluno (a), teve contato com a pesquisa durante o Ensino Superior.</p>
<p>P: “Sim, no último ano do curso, eu fui aluna do PIBIC, na UFCG. Quando eu entrei era graduação de bacharelado e licenciatura junto e aí já na metade do curso que você teria que optar e eu optei pela licenciatura, então eu perdi algumas ‘cadeiras’ que eram mais voltadas para pesquisa. Mas já no final eu tive a oportunidade de ser bolsista do PIBIC. Uma oportunidade que eu sei que outros amigos não tiveram.”</p>
<p>R.S.: “Sim, a princípio, acho que com dois anos de graduação eu trabalhei como voluntário na elaboração de relatórios em comunidades quilombolas. Não lembro como era, faz tempo já, mas foi um projeto voltado para o reconhecimento dos quilombolas. [...] era um programa de contato entre o parque tecnológico e a UFCG. Então aí houve um contato com os professores do departamento da área de Antropologia e muitos alunos trabalharam nessa área. Inclusive eu. Participei durante um ano na pesquisa do quilombo do grilo que fica aqui perto do Riachão de bacamarte. Eu ia duas vezes por semana para lá, tive a oportunidade de conhecer a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conhecer uma comunidade quilombola, que até então não conhecia, confesso. Participei de um trabalho também na UFCG, na graduação, não foi diretamente com pesquisa, foi mais um projeto de extensão, que era o PIBIAC, não lembro mais. Era um projeto que envolvia a questão da Antropologia com a capoeira. Então nós ‘pegamos’ a Escola Dom Helder Câmara, do bairro Santa Rosa, selecionamos alguns alunos de ensino fundamental II, levava eles para a universidade, eles tinham aula de capoeira na sala de aula. A gente afastava, dava espaço da sala de aula vazia. Eles</p>

tinham aula de capoeira com o mestre Sabiá e aí depois a gente dava, não era bem uma aula, mas trabalhava com eles algumas noções sobre cidadania, cultura, um pouco sobre cultura africana. Foram as áreas que eu trabalhei. Fui monitor, apesar de ser da área de Antropologia, fui monitor de teoria política. Estudei um pouco sobre marxismo na época, que era área de estudo da disciplina. Mas me envolvi bastante nesses dois projetos. De cabeça mesmo. Foi muito interessante e importante para mim. Teve outro projeto PIBIAC que foi em terreiros de umbanda. No ano 2009/2010, no terreiro Rainha da Mata, na Liberdade, onde a gente conheceu a festa de Iemanjá, fiz uma pequena etnografia sobre aquele espaço. A gente fez um registro videográfico. Foi bastante legal. Foi interessante.”

R: “Eu participei de poucas áreas na época em que eu fui aluna de Ciências Sociais, mas acho que na época eu trabalhei mais com a ideia de gerações [...] de uma pesquisa. Trabalhei também com uma pesquisa relacionada ao curso de História. E teve também uma etnográfica, mas não foi tão extensa.”
 “teve um que foi PROBEX que foi em conjunto com História, teve outro que iniciei como PIBID mas não prolonguei por causa das disciplinas, estava dando choque de horário, então não tive como continuar.”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Os entrevistados, sem exceção, tiveram contato com a prática da pesquisa enquanto foram graduandos do curso superior. No decorrer da entrevista podemos notar que os três professores que participaram da mesma, formaram-se em uma universidade pública que possuía como fluxograma com o ingresso comum ao curso de Ciências Sociais, no entanto, ao decorrer do curso tiveram que optar por graduar-se como bacharel ou licenciado (a) em Ciências Sociais.

O fato é, ao escolher a licenciatura como modalidade de formação, a entrevistada teve a grade curricular alterada e não cursou algumas disciplinas voltadas para a pesquisa. Isso porque, muito se atrela pesquisa, apenas para a modalidade de bacharelado ou para pós-graduandos. Dessa forma, o curso na modalidade de licenciatura abarcava em maior quantidade disciplinas voltadas para a parte pedagógica enquanto o bacharelado possui em sua grade curricular maior abrangência de disciplinas voltadas para a pesquisa científica.

QUADRO - 18**16. Experiência geral enquanto aluno (a) em relação à pesquisa.**

P: “No ensino médio, nenhuma, porque eu não tive oportunidade mesmo. Nenhuma disciplina e também não fui aluna de sociologia, mas mesmo em outras disciplinas eu não tive. Como eu te falei, eu só fui ter oportunidade no final do curso da graduação, no mestrado e no doutorado, que eu fui bolsista. E particularmente, eu adoro pesquisa, acho que me identificava mais com o bacharelado mesmo do que com a área de licenciatura porque me identifico mais com a pesquisa do que com o ensino, embora goste.”

R.S.: “A gente sempre pesquisa no ensino. Estudar é pesquisar. Mas o envolvimento com a pesquisa, especificamente na graduação, é importante. Em todos os momentos, mas quando falo a pesquisa, formalmente falando, de realmente conhecer, de ir a campo, foi de extrema importância para mim como profissional e como ser humano também. A gente conhece outras comunidades, conhecer o outro, saber dar voz para aquelas pessoas que geralmente não tem direito a voz, apenas nos bastidores, nos cenários, nos locais delas. Então, você pesquisar, você conhecer, pelo menos minha parte, eu tenho uma grande realização pessoal e como também estudante. Lembrando que minha pesquisa de mestrado foi sobre torcidas organizadas de futebol aqui em Campina Grande. Então, imagina só, eu como pesquisador, sair da minha casa para pesquisar uma torcida organizada sem conhecer ninguém. A gente chega lá e ‘quem é esse cara?’. Cheguei, conheci o pessoal, fui fazendo amizade. Onde houve muita desconfiança. Para mim foi uma das pesquisas em que eu fiquei mais ansioso. Já fui a terreiro também, ficava ansioso para ir no terreiro também. Então isso envolve muito com a gente. O que realmente alimenta o profissional da nossa área. Como já disse no início da nossa conversa, o que move a nossa área é justamente a questão da descoberta, questão da troca de informações. A gente pesquisa a pessoa, mas ao mesmo tempo a gente está compartilhando informações, conhecimentos. Então, futuramente, a pesquisa que você [entrevistadora] está fazendo agora vai contribuir bastante para o ensino e assim diante. Enfim, a pesquisa foi e é fundamental para nossa formação. Para mim foi muito interessante, muito importante e envolvente.”

R: “Fundamental e médio foi pouquíssima [experiência] porque na época, acho que os professores não tinham essa visão de que a pesquisa deveria ser feita, que deveria ser colocada em prática pelos alunos. Apesar de um ou outro professor fazer isso, mas da área de Humanas. Colocava umas ‘caraminholas’ na cabeça da gente para fazer algo diferente. Mas na universidade, acho que a maioria dos professores colocaram em pauta a ideia de ir para a pesquisa e tentar. Foi uma possibilidade que foi incentivada por grandes professores. Eu acho que, talvez, ela deveria ser mais colocada em prática pelos alunos. Acho que a gente no início do curso, fica com medo de como vai fazer uso e quando você entra de fato na prática, você percebe a importância que tem porque você, começa a ver mudança, você começa a fazer o estudo, faz análise, a partir dessa análise você começa a mudar a ‘roupagem’ de possibilidades, então aquilo começa a ter um viés maior de trabalhar, vê resultado positivo. Porque quando você vê algo que não está correto e sabe que estudando, você propõe meios melhores. Quando isso é colocado em prática, você como pesquisador começa a visualizar que aquilo [pesquisa] realmente teve uma importância.”

Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Por fim, a última questão respondida pelos entrevistados ilustra bem as opiniões que têm sobre a pesquisa e o papel que a mesma teve nas suas formações. Podemos verificar que o início da experiência com a pesquisa mais aprofundada surgiu a partir da graduação. É interessante notar que os entrevistados revelam a importância que a pesquisa teve para sua formação, no sentido de contribuir, tanto pessoal como profissionalmente. Os professores relatam que a pesquisa foi um aspecto positivo em suas experiências acadêmicas.

Vale salientar que estava presente na folha de questionário (ver apêndice) duas solicitações, sendo elas: 1) Plano de Aula que envolva a pesquisa; 2) Projeto Político Pedagógico da escola. A pesquisa contou com 03 (três) professores e nenhum deles deu retorno as solicitações. Esses documentos iriam abranger outros aspectos do processo de ensino e aprendizagem que utiliza a pesquisa científica como estratégia didática. O resultado negativo dessas solicitações impossibilitou a análise dos mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou analisar e compreender a pesquisa enquanto ferramenta pedagógica, algumas questões que abrangem o envolvimento das Ciências Sociais enquanto disciplina e ciência, a justificação da pesquisa como uma ferramenta pertencente em ambos os cenários, ora como ensino e ora como ciência. No início deste trabalho dissertativo, um breve levantamento acerca dos trabalhos que envolvem a pesquisa científica e a Sociologia nos forneceu uma base sobre alguns aspectos que vem sendo trabalhado durante os últimos anos.

Após essa amostragem, a análise dos primeiros autores e marcos regulatórios escritos com o propósito da institucionalização da disciplina, nos mostra aspectos interessantes a respeito. Desde os autores serem formados em outras áreas de conhecimento, a própria disciplina ser institucionalizada a partir do interesse do curso de Direito. Vale destacar o interesse em constituir um acervo de pesquisas científicas a partir de dados brasileiros para embasar as teorias e conceitos de uma nova disciplina no currículo do país.

Além de envolver os marcos regulatórios para a Sociologia no ensino médio, destacados aqui os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Compreendendo a perspectiva comum entre tais marcos regulatórios em que a pesquisa aparece com relevante importância atrelada a aula de Sociologia, demonstrada através de pontos nos referidos textos que são dedicados ao apontamento e orientação da pesquisa enquanto método pedagógico.

No desenvolvimento desse trabalho, foi possível observar a crescente prática e estimulação da pesquisa, seja nos marcos regulatórios das disciplinas ou no livro didático. A pesquisa foi abordada também através da perspectiva do professor Pedro Demo, demonstrando a importância de atrelar a pesquisa com o ensino da Sociologia, como forma de romper com o ensino tradicional e de forma emancipadora, proporcionando ao aluno a participação na construção do próprio conhecimento. Além de anunciar que não é possível a pesquisa sem o ensino e o ensino sem pesquisa. Dessa maneira, o professor encontra-se na exigência de ser também pesquisador.

Além disso, no trabalho desenvolveu-se uma análise dos livros didáticos utilizados pelos professores entrevistados na realização da pesquisa. No caso, *Sociologia em Movimento*, dedica uma parte do livro exclusivamente para os métodos

de pesquisa nas Ciências Sociais e que indica a prática da pesquisa no encerramento de diversos capítulos diretamente abordada como “Questões para pesquisa” As pesquisas solicitadas geralmente têm contorno de pesquisas bibliográficas ou então pesquisas de campo, desde o acesso à internet, entrevistas, questionários, entre outras formas de pesquisa. O referido livro possui uma perspectiva de unir a pesquisa ao ensino da Sociologia por todo o decorrer do livro, além dos pontos destacados acima, o livro apresenta pesquisas já realizadas como fonte de enriquecer o conhecimento, sugere fontes bibliográficas alternativas e filmes.

Mais um livro didático analisado, *Sociologia*, busca incluir a pesquisa científica entre o assunto que vem sendo tratado em cada capítulo do mesmo. Dessa forma, a pesquisa aparece como suporte para que o aluno construa significados sociológicos para o tema abordado. Durante a abordagem do tema, a pesquisa científica contribui para a construção do conhecimento. As modalidades de pesquisa científica assim como no livro citado acima aparecem de forma diversificada. O terceiro livro analisado *Sociologia para jovens do século XXI* disponibiliza em seus capítulos um destaque para “*Pesquisando e refletindo*” que sugere livros, filmes e sites para que os alunos aprofundem o seu aprendizado em relação aos temas abordados em cada capítulo.

Assim como os livros didáticos analisados, os modelos de ensino médio que atualmente estão vigentes no Estado da Paraíba, especificamente, no município de Campina Grande, nos traz, através de pontuais destaques em suas legislações, a atenção para que a pesquisa científica seja incentivada. Quanto as estruturas que proporcionam cada modelo de ensino médio divergem nas repostas obtidas pelos professores que lecionam nas referidas escolas também demonstram realidades diferentes.

Em relação aos dados coletados com o questionário aplicado aos professores da disciplina na área delimitada, pode-se constatar que a pesquisa é pouco utilizada por professores formados na área. Os entrevistados demonstraram reconhecer a relevância da pesquisa no cotidiano escolar da disciplina, apresentam uma opinião positiva em relação a sua prática. Além de demonstrarem o cuidado com o procedimento da pesquisa, como apontado pelos marcos regulatórios presentes no trabalho. Reconhecem-se diferentes dificuldades quanto a utilização da pesquisa científica enquanto estratégia didática na aula de Sociologia. Porém, observamos que os professores entrevistados buscam atualizar-se, seja através de cursos de formação continuada, pós-graduação no sentido de especialização, mestrado ou ainda

doutorado. Esse dado nos mostra que os professores estão em contato, mesmo que não constante, com a pesquisa.

Portanto, a bibliografia apresentada neste trabalho, os marcos regulatórios e os autores mostram expectativas além da realidade, conforme os dados coletados nos questionários aplicados aos professores, quando se trata da conformidade com os marcos regulatórios e com as teorias e apontamentos dos autores destacados, tratando todos os aspectos que envolvem o processo, desde a pesquisa realizada para a elaboração e preparação da aula, o desenvolvimento da pesquisa na sala de aula, a orientação para que os alunos analisem os dados coletados. Priorizando desde o início o aprendizado dos alunos da Sociologia. Embora haja ainda uma discrepância do que é proposto desde o início da institucionalização da disciplina no século XX, quanto a utilização da pesquisa como estratégia didática de ensino e aprendizagem. Ocorre que ainda existe um distanciamento entre teoria e prática. Relação esta que é mencionada com relevância desde as primeiras discussões em torno da disciplina no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marcelo; CORREA, Raphael M. C.; COSTA, Marcelo; et al. **Sociologia em Movimento**: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. São Paulo: Scipione, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Segunda versão revista. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 30/01/2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional da Educação – Lei nº 13.005/2014**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em 25/06/2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. . Portaria Nº 1.145 **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2016. Nº 196,11 de outubro de 2016. Seção 1, p. 23.
- CAREGNATO, Célia Elizabete; CORDEIRO, Victoria Carvalho. Campo Científico-Acadêmico e a Disciplina de Sociologia na Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 39-57, jan./mar. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 30/04/2019.
- COSTA, Ricardo Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para jovens do século XXI**: manual do professor. 4. Ed. Rio de Janeiro. Editora Imperial Novo Milênio, 2016.
- DEMO, Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.
- DEMO, Pedro. Cuidado Metodológico: signo crucial da qualidade. **Sociedade e Estado**. Brasília, v.17, n.2, p. 349-373, jul/dez. 2003.
- DEMO, Pedro. Pesquisa Social. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 17, n. 1, p. 11-36, 2008.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca de educação. Série 1. Escola; v.14).

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 65 abr.-jun. 2016

FILHO, Juarez Lopes de Carvalho Filho. **O ensino de Sociologia como problema epistemológico e sociológico**. Educação & Realidade. Vol. 39 nº1. Porto Alegre. Jan./mar. 2014. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30/04/2019>

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila__METODOLOGIA_DA_PESQUISA%281%29.pdf. Acesso em: 25/02/2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GÜNTHER, Harmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago 2006, vol. 22 n. 2, pp. 201-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em: 25/02/2018.

KULESSA, Erika. **Linguagem sociológica e práticas de escrita: uma pesquisa exploratória em aulas de Sociologia do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Patricia Bandeira de; MOURA, Tatiane Oliveira de Carvalho. Perspectiva etnográfica como proposta de metodologia de ensino de sociologia. **Revista Portuguesa de Educação**, 2017, 30(1), pp. 107-133

MENSAGEM. Canção Nova. **Conhece-te, aceita-te, supera-te**. Santo Agostinho. Disponível em: <https://mensagem.cancaonova.com/mensagem-do-dia/conhece-te-aceita-te-supera-te/> Acesso em: 27/08/2020.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. Campinas, SP. 2000.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203902/mod_resource/content/1/MILLS_A%20imagina%C3%A7%C3%A3o%20sociol%C3%B3gica%20Cap.%20I.pdf. Acesso em: 25/02/2019.

PARAÍBA. ESTADO DA **Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Ensino da Paraíba**. Governo da Paraíba. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. Educação e Inovação. 2020. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/arquivos/DIRETRIZESOPERACIONAIS2020GovPBV9.pdf>. Acesso em: 28/06/2020.

PARAÍBA. ESTADO DA. **Diário Oficial**. Estado da Paraíba. Decreto N° 36.408, 30 de novembro de 2015.

APÊNDICE - A
QUESTIONÁRIO DESENVOLVIDO PARA A PESQUISA

QUESTIONÁRIO

1. Nome.
2. Escolaridade (área de possível pós-graduação). Leciona em mais de uma escola.
3. Qual é o livro utilizado na aula de Sociologia.
4. Costuma pesquisar livros ou outras fontes para as aulas de Sociologia.
5. Em relação a metodologia, quais tipos costuma utilizar.
6. Opinião a respeito da pesquisa como estratégia das Ciências Sociais. Expor seu entendimento.
7. A escola costuma proporcionar momentos de pesquisa? (ex: feira de ciências)
8. Opinião a respeito da pesquisa como estratégia na aula de Sociologia no Ensino Médio.
9. Costuma utilizar a pesquisa como estratégia. Quais tipos e em quais momentos.
10. Qual é a modalidade de pesquisa predileta e qual motivo.
11. Qual dificuldade enfrenta que envolve a pesquisa como estratégia na aula de Sociologia.
12. Opinião sobre o papel da pesquisa para o professor de Sociologia para sua prática.
13. Opinião sobre a pesquisa e o processo de ensino e de aprendizagem.
14. Enquanto aluno (a), teve Sociologia no Ensino Médio.
15. Enquanto aluno (a), teve contato com a pesquisa durante o Ensino Superior.
16. Experiência geral enquanto aluno (a) em relação à pesquisa.

Solicitar um Plano de Aula que envolva a pesquisa

Solicitar Projeto Político Pedagógico da escola.